



COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA: Conquistas das Bandeiras Verdes

**“Peça licença, mas nunca
deixe de entrar”**



PNCOSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA - PNCSA

COORDENAÇÃO GERAL: ALFREDO WAGNER E ROSA ACEVEDO

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DO TOCANTINS

COORDENAÇÃO: PAULO ROGERIO GONÇALVES E MARIA APARECIDA RIBEIRO DE SOUSA

Equipe de pesquisa

Paulo Rogerio Gonçalves
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

Cartografia e mapas

Alcindo Alves Patrício Castro

Projeto gráfico

Andréia Gualberto

Fotografias

Paulo Rogerio Gonçalves
Ludimila Carvalho dos Santos
Arquivo fotográfico da ACQDJ

Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina - ACQDJ

Presidente: Lucelina Gomes dos Santos – Falecida
Presidente em exercício: Manoel Filho Borges
1º Secretária: Amaria Campos de Sousa
2º Secretária: Ana Maria Ribeiro da Cruz
1º Tesoureira: Silvânia Gomes Ferreira
2º Tesoureiro: Jardel Novaes Alencar

Conselho Fiscal – Titulares

Lucilene Gomes do Nascimento
Valdecir Pereira Matos
Raimundo Inácio Privino Gomes

Suplentes

Enivaldo Borges
Itamar Oliveira dos Santos
Izamar Lopes de Andrade

Conselho Cultural – Titular

Márcio dos Santos Sobrinho
Betânia Vieira da Silva
João Filho Pereira dos Santos

Suplentes

Eva Batista Gomes
Alípio Cardeal Junior
Cleonice Pereira dos Santos

Conselho Cultural – Titular

Rosicléia Gomes da Silva
Kamila Ferreira dos Santos
Antônio Leandro da Silva

Suplentes

Romilda Almeida da Silva
Maria Idelvânia Ferreira Tupinambá
Maria do Carmo da Silva Lima

Departamento de Rádio Comunitária – Titular

Jhonathan de Souza Batista
Roberto Carlos Ferreira dos Santos
Monaliza Borges de Almeida

Suplentes

Gabriel Borges de Carvalho
Edimilson Caetano da Silva
Sallomão Israel Chaves Borges

Departamento de Assistência Social - Titulares

Marcos André Cruz Souza
Luís Carlos Ferreira dos Santos
Félix Neto da Silva Ferreira

Suplentes

Antônio Jovenildo Sousa
Sueli Alves da Silva
Luís Gonzaga Ferreira Novaes

Departamento de Educação Popular Quilombola – Titular

Maria Madalena Sousa Batista
Paulo Pereira de Sousa
Ludimila Carvalho dos Santos

Suplentes

Maria de Jesus Ferreira dos Santos
Wilker José Silva Santos
Edília Maria Borges

Conselho de Griôs

Presidente: Lucelina Gomes dos Santos – Falecida
Rosa Mirtes Pereira de Sousa
Manoel Pereira Borges
Geraldo Delmondes Ferreira
Carlindo Pereira da Silva
Conceição Viana da Silva
Maria Eurânia da Conceição
Leonice da Silva Ferreira

Maria Vitória Silva – In memoriam
Cícera Vieira Almeida – In memoriam

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gonçalves, Paulo Rogério
Comunidade quilombola Dona Juscelina: uma luta cada dia /
Paulo Rogério Gonçalves, Maria Aparecida Ribeiro de Sousa. --
Palmas : Alternativas para pequena agricultura no Tocantins -
APATO, 2022.
68 p.

ISBN: 978-65-995635-2-2

1. Quilombos - Palmas (TO). 2. Território quilombola.
3. Comunidades quilombolas. I. Sousa, Maria Aparecida Ribeiro
de. II. Título.

CDD-981.04

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Quilombos 981.04

COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA
Conquistas das Bandeiras Verdes
“Peça licença, mas nunca deixe de entrar”

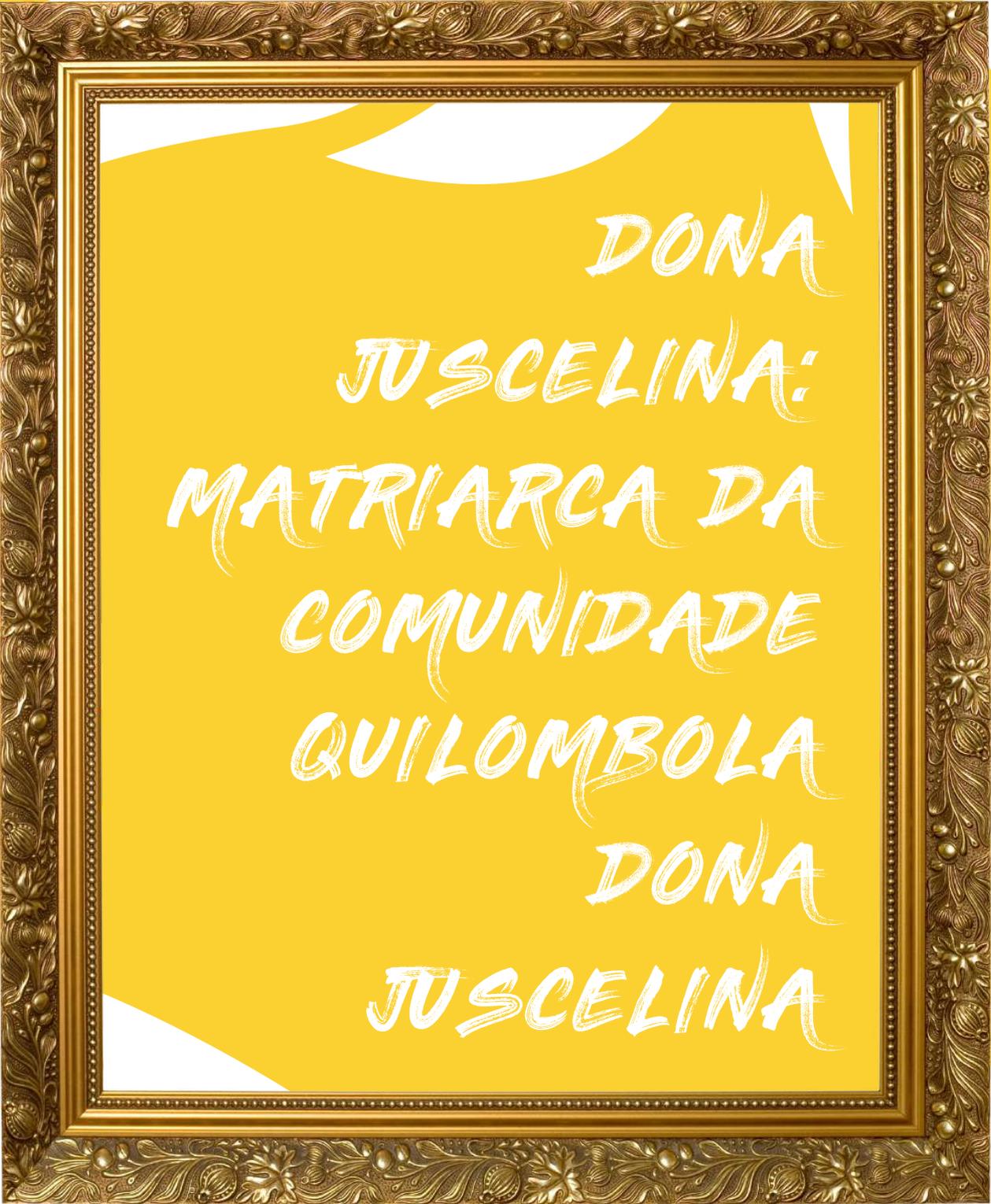
A Comunidade Quilombola Dona Juscelina foi criada por romeiros que vieram atrás das Bandeiras Verdes, localidades com abundância de águas e terras livres para viverem com fartura e em paz.

Os romeiros construíram e consolidaram seu território tradicional e no decorrer do tempo fundaram a cidade de Muricilândia. Atualmente o perímetro urbano da cidade de Muricilândia fica dentro do território tradicional da comunidade.

No entanto, chegaram madeireiros e invasores e iniciaram-se os conflitos. A comunidade resiste na luta pela garantia dos seus direitos territoriais mantendo suas tradições culturais e religiosas. Os quilombolas da comunidade além de manterem seus trabalhos de produção de alimentos e criação de animais dentro do território assumiram papéis importantes na cidade de Muricilândia, muitos são funcionários públicos, professores, vereadores, e atualmente no cargo de vice-prefeito está um quilombola da comunidade.

Entre os anos de 2021 e 2022 realizaram-se diálogos, reuniões, entrevistas e uma série de atividades que construíram esse boletim. Importante destacar que todos os depoimentos do boletim são de quilombolas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina.





DONA
JUSCELINA:
MATRIARCA DA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA
DONA
JUSCELINA

"A dona Juscelina é nossa matriarca, tudo que eu fazia era combinado com ela."

ROSA MIRTES PEREIRA

"Quando chegou a Juscelina com essa cultura aqui, que o divertimento nessa época era romaria e o cultural Lindô, não tinha outra coisa, isso aqui era tudo mata. Começou com a brincadeira, juntando menino e fazendo, fez um dia essa festa do quilombo, ela mais a irmã dela, a dos Anjos, aí a gente gostou e ficou como uma cultura nossa, e virou um festejo, uma cultura linda."

ODETE CARDEAL BATISTA, EDITE



ALTAR DA CASA DA DONA JUSCELINA

"Ela fazia muito a gente sorri, ela contava muito causo, era uma alegria quando andava junto com ela, junto com ela não tinha ninguém triste. Ela era parteira, era quase uma doutora, muiê não sofria tanto nas unhas dela, logo Deus ajudava, depressa despachava. E ela não aquetava, era chegando, e de novo ela ia para todo lado, no burro no cavalo, não tinha história de dizer que não. Lutou muito para criar filho, neto dos outros."

MARIA DA CONSOLAÇÃO LEMES DE SOUSA, CONSOLA

"A comadre Juscelina chegou aqui na era de 62, ela vinha de Cristalândia, ela morava em Nova Iorque do Maranhão. No tempo dos garimpos de Cristalândia, a família dela foi para Cristalândia, de lá ela veio para cá. A comadre Juscelina era romeira, mas trabalhava de roça, aqui no pé da serra, era muito trabalhadeira, esforçada pela comunidade, pelo povo, uma conselheira, parteira de muitos filhos. Muito menino ela pegou, umas 400 a 500 crianças, e se ela dissesse leva para Araguaína que eu não dou conta, podia levar. Remédio caseiro, remédio do mato, tudo ela sabia. As festas ela começou a fazer o Lindô, depois o 13 de maio, que ninguém nem acreditava que o 13 de maio ia ser como está sendo hoje. Ela trouxe essa tradição do Maranhão, as músicas, a princesa Isabel, a escravidão, e nós fomos acompanhando ela, brincando, dançando. Eu comecei a brincar com ela desde o começo, eu e o meu povo e muitas famílias."

CONCEIÇÃO VIANA DA SILVA, DADÁ

"A dona Juscelina chegou em 62, ela tinha uma irmã chamada Maria dos Anjos, essa veio para cá antes da Juscelina, o marido dela chamava Zezão. Em maio ela começava a chamar os meninos, a gente ensaiava o rebolado, fazia uma fila cantando as músicas do 13 de maio. Quando a Juscelina chegou aí começaram o 13 de maio dramatizado, antes da dona Juscelina tinha cantiga, o rebolado, saía caminhando, cantando. Quando a Juscelina chega bota para valer mesmo, dramatizado, tudo direitinho, foi juntando mais gente, foi ficando mais forte. Naquela época o 13 de maio, o foco era a libertação dos escravos, a pessoa que todo mundo comemorava era a princesa Isabel, a lei Aurea que ela assinou. A dona Juscelina era religiosa, era romeira, mas o movimento dela aumentou mais por consequência do sentido da festa dela, que era a abolição, as pessoas que saí da escravidão. Então era uma festa que as pessoas faziam com toda ênfase, gostava mesmo, tinha todos os anos, aonde a princesa Isabel era a estrela, era homenageada, ficava na alma da pessoa, todos os anos queria participar daquela festa, além da animação que tinha, e também a origem daquela festa."

MANOEL PEREIRA BORGES, CONHECIDO COMO DOS SANTOS

"A dona Juscelina sempre se mostrou muito aberta a ensinar, a apoiar, a incentivar a juventude, a dar continuidade, a ouvir, a entender, a compreender todo o contexto da comunidade. Dona Juscelina, vive e permanece entre a gente, o seu legado, sua história, para mim é um exemplo, é um símbolo de muita resistência, uma mulher forte, o retrato da mulher quilombola do quilombo dona Juscelina. Ela reúne em si a força feminina que mantem de pé essa comunidade, mulher destemida que caminha e sabe estar em todo lugar e espaço social e sabe sair, sabe entrar. Ela sempre dizia, peça licença, mas nunca deixe de entrar."

LUDIMILA CARVALHO DOS SANTOS



CASA QUILOMBOLA – MEMORIAL JUSCELINA
GOMES DOS SANTOS

MEMÓRIA DA COMUNIDADE POR MANOEL FILHO BORGES, PRESIDENTE EM EXERCÍCIO DA ACQDJ

"Dona Juscelina nasceu em Nova Iorque, Maranhão, no ano de 1930. O tio dela era chamado Claro Preto do Saco, ele morou numa região do outro lado do rio Parnaíba, no Piauí, região que era chamada Serra do Saco. Ele trabalhou na fazenda de um coronel, de uma pessoa influente em Nova Iorque que chamava coronel Santana e esse Claro Preto do Saco era um homem muito destemido, muito trabalhador. Quando veio a abolição da escravidão, quando vem a assinatura da lei Áurea, o coronel Santana fica sabendo disso, ele mata um gado e dá para a família do Claro Preto do Saco para que pudessem comemorar. Aí eles começam a fazer essa festa todo dia 13 de maio lá em Nova Iorque, depois vai para Pastos Bons, Cristalândia e Muricilândia.

Ela cresceu dentro dessa festa, quando ela tinha 15 anos, e ele já bem velho ele chama ela para que ela assumisse quando ele morresse, ficasse responsável por dar continuidade a festa e aí 1 ano depois dele fazer esse convite ele falece, 1950 alguma coisa assim.

Aqui em Muricilândia já tinha uma irmã dela chamada Maria dos Anjos, também foi criada dentro dessa festividade lá em Nova Iorque, e de Cristalândia ela vem para cá, um trajeto mais de mil quilômetros, saindo de Nova Iorque, Pastos Bons, Cristalândia e Muricilândia. Ela chega em 62, a irmã dela já era uma espécie de precursora para o que viria ser dona Juscelina logo depois, ela já fazia timidamente uma comemoração mais local, em frente da casa, um trajeto bem curto. Dona Juscelina quando chega em 62 de imediato não faz a festa, mas em 63, 64 ela começa a fazer a festa do rebolado, festa do 13 de maio que ela herdou do tio. Em 1968 ela lança o bloco na rua, vamos dizer assim, ela se sente confiante ao ponto de organizar, mobilizar um número maior de pessoas, conseguir parcerias, participação e ajuda através de gêneros alimentícios para a festa dela dos chacareiros que moravam ao redor e das pessoas da cidade, então ela faz a primeira edição percorrendo as ruas de Muricilândia num cortejo.



LUÍZA BARROS, NA ÉPOCA MINISTRA DA SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL E DONA JUSCELINA EM UMA VISITA DA MINISTRA AO QUILOMBO DONA JUSCELINA, EM NOVEMBRO DE 2014.

A partir daí a festa vai acontecendo todo ano, só que a dona Juscelina no momento que ela chega aqui ela não figura simplesmente como uma mulher que traz a festa do 13 de maio, ela também atua no lado religioso como romeira, ela se torna uma liderança religiosa, participa na realização de eventos do catolicismo popular, como a festa e folia do Divino, e a festa e folia de Reis. A dona Juscelina também galga espaço na política, já existia aqui um líder político que era o João Paulino, mas ela também assume um papel, ela atua politicamente na comunidade, ela não tem cargo público, mas se tornou uma liderança, assediada pelos políticos que a procuravam na época das eleições para comandar, coordenar grupos de apoio, pedir apoio político. Ela fazia esse trabalho e quando elegia os candidatos dela passava a ter uma certa notoriedade na comunidade, embora ela nunca tenha alcançado a ser uma liderança muito expressiva, porque nunca disputou um cargo político, mas apoiava, e teve êxito também como liderança política.

Então a liderança da dona Juscelina vai se configurando a partir desses aspectos, o cultural que ela herda do Maranhão, o religioso, no catolicismo popular como romeira do padre Cícero, se destaca através das penitências, e através da sua participação na política. E a comunidade dona Juscelina vai ficando conhecida e mais pessoas vão participando e se identificando como negros e vê nela, na forma que ela organiza, uma pessoa que defende e luta pelos direitos e manutenção da cultura dos negros e vão se encostando nela e a comunidade vai crescendo. Lembrar que nessa época Muricilândia, apesar de ter iniciado a partir da presença do negro aqui não era reconhecida como uma comunidade quilombola, era um grupo de negros remanescentes de quilombo, não resta dúvida, mas era o povoado de Muricilândia. A festa da dona Juscelina pejorativamente muitas vezes foi chamada da festa dos pretos, não que seja ruim porque é a festa dos pretos mesmo, mas por aqueles de certa forma falando assim achavam que estavam depreciando o evento que ela realizava aqui.

A festa acontecia do dia 11 a 13 de maio então essa festa se fortalece, cresce muito, de 68 ela vai acontecer até mais ou menos 88, e dá uma parada. Uma vez conversando com dona Juscelina, porque que a festa acabou, ela disse, porque primeiro minha irmã tinha ido embora, que era uma que ajudava, segundo porque as pessoas não estavam muito participando da festa, ela precisava de pessoas próximas para tocar a festa, para ajudar a organizar a festa. Eu tinha vagamente essas lembranças na mente, porque quando pequeno a gente participava da festa, em 2001 eu assumi um cargo público no município como secretário de educação e aí na época fui até a dona Juscelina e conversei com ela, fizemos um breve resgate de memória, uma conversa sobre a festa. Perguntei se ela não tinha vontade de refazer aquela festa novamente e ela disse que tinha muita vontade, mas não tinha quem ajudasse ela que ela já estava com uma certa idade, então não tinha mais força para fazer como ela fazia antes e aí nessa hora eu proponho a ela se ela não quer que a gente ajude ela a fazer a festa.

No momento estava falando mais como secretário de educação, pela instituição que eu sabia que poderia ajudar financeiramente e também com a estrutura. Mas também eu falava como uma pessoa de 30 anos que quando criança viveu parte dessa festa, participou dessa festa, aí ela me pergunta, você me ajuda a fazer a festa novamente, aí eu falo, ajudo. Isso foi em janeiro de 2001 assim que eu assumi, em maio de 2001 a gente já começa essa festa novamente. Fizemos todo um trabalho de chamamento para dar aquele choque de interesse naqueles mais antigos que participavam. Em 2006 já era uma festa grande, não como hoje, mas a festa do 13 de maio já repercutia na região, tanto que vinha gente de todo lugar.

Em 2006 recebemos a visita do servidor da Secretaria de Segurança e Justiça, professor Luís Benedito, que vem a comunidade trazendo uma proposta de reconhecer a comunidade como comunidade remanescente de quilombo. E naquele momento decidiu-se reconhecer a comunidade quilombola dona Juscelina, o germinar da comunidade institucionalmente surge naquele momento, em abril de 2006.

A história da dona Juscelina, uma mulher negra, tem uma carga de preconceitos sobre ela e enfrenta inclusive quando chega aqui, a comunidade se constituía a base da reza das penitências e de algumas outras diversões, mas o forte era a penitência, os líderes eram religiosos fortes que de certa forma davam uma organizada na comunidade. E ela vem traz uma festa que vai para a rua dançando, rebolando, cantando e as músicas são bem alegres, então de certa forma não deixa de não ter criado um meio olhar de quem já estava aqui.

Mas ela vai se situando e a liderança dela vai se constituindo a partir disso, porque ela não se abala com isso, ela poderia recuar a partir do olhar de desacredito por parte dos outros, poderia ter parado. Ela vai continuando, depois as pessoas passam a ir aceitando também a festa e depois se torna essa festa, então definiu-se chamar a comunidade de dona Juscelina, ela está viva, é uma homenagem em vida para ela, ela aceitou, e a comunidade passa a se chamar comunidade quilombola dona Juscelina.

Em outubro de 2009 a comunidade é reconhecida, certificada pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente de quilombo dona Juscelina. A comunidade está no perímetro urbano, mas a comunidade não se reconhece como uma comunidade urbana porque toda trajetória anterior permeava o espaço rural, aqui era uma vila que eles tinham mas cada morador tinha o seu centro. As práticas que até hoje são cultivadas nos quintais e em pequenos espaços são práticas da agricultura, do campo, rural, nós nos definimos como estamos urbanos, a comunidade quilombola dona Juscelina está urbana aguardando o momento de retornar ao seu território ancestral.

A dona Juscelina trouxe contribuições a comunidade a partir da sua liderança, ela foi parteira por 25 anos tendo pego mais de 500 crianças, uma mulher negra frágil fisicamente mas muito forte espiritualmente e de liderança de expressão, de garra para lutar e isso tornava ela uma mulher muito forte. Ela vai ganhando o respeito por parte dos movimentos, por parte das instituições que lidam com os povos tradicionais, com comunidades quilombolas, das universidades e ela passa a percorrer esses espaços.

Ela não se torna uma liderança só na sua comunidade ela passa a percorrer esses espaços também, então ela vai dialogar com esse povo e a liderança dela vai se expandindo na região, ao passo dela ser reconhecida por muitos como uma mestra, uma mulher negra quilombola, uma mulher de muitos conhecimentos em diversas áreas e isso vai dar a ela bem recente pela Universidade Federal do Tocantins um título de doutor honoris causa. Que foi uma forma de reconhecer a relevância do trabalho dela, da presença dela, da liderança, da militância dela nessa região em defesa dos direitos humanos, ela ganhou um título de defesa dos direitos humanos da secretaria de estado da cidadania e justiça.

Então ela foi uma mulher sempre disposta a lutar e ela mobilizava seu povo para isso também para a luta para a resistência, ela vivia constantemente situações de abalo a sua credibilidade dentro da comunidade, então precisava resistir, ela conclamava todos para essa resistência.



DONA JUSCELINA NA
FESTA DO 13 DE MAIO



ALTAR E BANDEIRA DO DIVINO DA CASA DA DONA JUSCELINA

A dona Juscelina conjugava os dois catolicismos, o canônico que vai para as missas e o popular, ela tinha a divindade dela, ela rezava no pé do altar 3 vezes por dia no mínimo, ela vivia constantemente para rezar. Eu penso assim, uma pessoa que faz e se dedica pela fé que tinha recebia muitas graças, recebia muitas bênçãos também, era uma mulher que aceita o desafio de tocar uma comunidade. Já nasceu grande o quilombo dona Juscelina, com duzentas e tantas famílias, pessoas com pensamentos diferentes e conseguiu fazer um trabalho para ir aproximando. Então ela fez muita coisa, ela dedicou a vida dela em prol de uma causa e para alcançar ela buscava forças na religião, era uma mulher muito forte.

Numa quaresma ela estava numa crise de cólica, ela não ficava sentada, ficava escorada, arranjando um jeitinho para doer menos, nós não sabíamos os benditos e cantando ali, a dona Maria, cunhada dela cantava baixinho, e ela puxava os bendito baixinho de tão fraca que ela estava quase não ouvia. Nós pelejava para ela ir deitar, e ela não vou ficar aqui, vamos terminar a reza aqui todo mundo, ela tava tão fraca que a feição estava desfalecida, ajudei ela a levantar, levantou bem devagarzinho e aí começou a cantar uma reza que era a das almas, uma reza muito forte, ela tinha muita devoção com as almas.

E ela começou a cantar, ninguém ouvia e a medida que ela foi cantando foi melhorando, acho que ela sentiu algum conforto, na reza, no canto ela buscou o alívio, e ela foi melhorando. Aí depois ela pegou e foi para o rumo do altar, devagarzinho, e chamou nós para o altar também, se ajoelhou e começou a rezar, na hora de levantar, a religião é uma fonte de energia, a voz da dona Juscelina normalizou, na hora de levantar só pegou na beira do altar e se levantou sozinha.

Nós vendo aquilo acontecer ficamos um olhando para o outro, o que está acontecendo aqui a mulher estava prostrada agorinha, de repente estamos vendo uma transformação na nossa frente, quando terminou de rezar o pai nosso, já forte com a voz recuperada. Continuamos a reza como se nada tivesse acontecido, ela assumiu o comando da reza, foi uma transformação rápida na frente de todo mundo, fiquei encabulado, houve uma manifestação aqui, no outro dia falei para minha mãe, ela falou que aquela reza é de quem tem devoção com as almas santas benditas. São coisas que acontecia na vida da dona Juscelina é para nós foi uma manifestação direta da força que ela tinha, um amparo, uma mulher que era apedrejada como a dona Juscelina quando você pensava que ela tava fraca ela surgia mais forte ainda.

Ela não era uma pessoa que não acreditava e não tinha fé nas suas divindades na sua religiosidade, isso de certa forma trazia um alento para a comunidade, sabia que tinha uma líder forte, não era uma líder que pedia o mal, destruição de ninguém era uma líder forte que buscava sempre força para a comunidade também.

A dona Juscelina morreu no dia 3 de julho de 2021 as 11h40 da manhã, ela passou mal uns 3 dias antes de falecer, dois meses antes uma pedra deslocou da vesícula e saiu arrebetando, e ficou parada num determinado lugar. Esse dia ela passou ruim que chegamos a ponto de falar com os médicos de arriscar fazer a cirurgia, ela foi para Araguaína, mas os médicos recuaram, passaram uma medicação e mandou voltar, depois entraram em contato, falando que não tinha como fazer operação, a pedra estava alojada tinha que conviver. Ela ficou boa por um tempo, 3 dias antes de morrer voltou a cólica, terrível, de manhã foi para o posto, voltou no posto a tarde, ficou até a noite, no outro dia passou mal de novo, foi para o posto, mas ela não estava reagindo como era antes, passamos a noite, veio a irmã dela, dona Dora, ela estava lúcida, mas fraca, só se alimentando pelo soro.

No dia seguinte cedo a pressão caiu e ela estava muito ruim, foi levada para Araguaína, mas segundo o médico que atendeu ela já chegou lá infartada, o médico atendeu, mas ela faleceu uma meia hora depois. Uma coisa que me chamou muita atenção, a dona Juscelina era devota de Nossa Senhora, segundo os mais velhos, devoto de Nossa Senhora só morre no sábado, ela morreu no sábado. Outra coisa ela não tirava o rosário dela por nada do pescoço, na hora que a menina neta dela tirou o rosário dela do pescoço ela fechou os olhos, foi uma morte sem angústia, sem nada, calma, rápida.

A dona Juscelina sempre dizia para a gente que quando Deus fosse chamar ela, queria que deixasse ela não ficar sofrendo, nem ficar pela mão dos outros. O velório foi na casa dela, o caixão ficou na sala principal, muita gente, daqui do Pé do Morro, de Cocalinho, houve uma sensibilidade dos quilombos aqui por perto e uma solidariedade com a comunidade. Seu Manoel do Bruno que é do quilombo Pé do Morro fez uma reza, cantou os benditos, rezou o terço, uma parte do velório dela foi só cantando os benditos. Ela dizia que não queria tristeza no velório dela, ela dizia, se eu morrer no dia 13 de maio, encoste o caixão mas a festa é para fazer.

Quando a ambulância chegou, recebemos o corpo dela tocando tambor e cantando as músicas que ela cantava do 13 de maio, recebemos como ela queria. Quando foi para enterrar levamos para a igreja com a bandeira do Divino, e cantando, tocando as caixas. O velório foi a noite toda, saía um grupo de oração entrava outro, católicos, evangélicos, todo mundo se tornou um povo só, com o mesmo sentimento da perca da matriarca. Dona Juscelina era uma Griô da comunidade, o caixão dela foi coberto com a bandeira do município e com a túnica de Griô que ela usava, na hora de sair da igreja para o cemitério os Griôs que acompanhavam o velório pegaram a túnica e entregaram para uma das netas de dona Juscelina."

MANOEL FILHO BORGES

LOGOMARCA DA ACQDJ

LOGOMARCA DO CONSELHO DE GRIÔS





O CONSELHO DE
GRIÔS DA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA
DONA
JUSCELINA: A
FALA DOS
CONSELHEIROS

"Estou com 74 anos dentro dos 75, chegamos aqui em 1959, viemos de Araguaína, nasci em Araguaína, vim com meu bisavô, chamava Pedro Viana e Ana Viana, depois veio a minha mãe Isabel Viana e Maria Viana minha avó. Viemos para cá a procura de botar roça, Araguaína já estava uma cidade avançada, não tinha como tocar roça, meus pais toda vida foram incutido com roça. Viemos no tempo da romaria, meu avô veio com a Antônia Paranaguá em 1952, o nome dela mesmo era Antônia Barros de Sousa.

Pelas histórias antigas, os conhecimentos que eu tenho um pouco daqui do município, me escolheram para ser Griô, eu a dona Rosa Mirtes, o seu Geraldo, o Manuel dos Santos, nós tem muita história para contar.

Eu vivi de roça de lá até hoje, toda vida eu trabalhei de roça, a roça minha era aqui, atrás daquele brejo de buriti, eu trabalhava mais meu povo mais velho, e trabalhamos também do outro lado do rio, que tem até hoje as mangueiras plantadas lá, e ali no rumo da fazenda do seu Rubens, adiante dos pastos do velho Cícero, no rumo da Olaria. A velha Maria Viana tinha ali uma roça grande, naquele tempo a gente chamava linha e tarefa, hoje chama alqueire.

Eu tenho uma praia, Praia Mata Virgem, a mata é toda verdinha, é a reserva do fazendeiro, eu que tomo conta no período do verão, vigio, tem um barraco, faço comida para nós e visitantes. Eu sempre cuidei do rio, fui pescador profissional, pesquei 25 anos, de carteira 18 anos, eu tenho minha carteira de pescador, eu pescava no Araguaia, Tocantins, tudo eu pescava. Eu tenho canoa, motorzinho rabeta, aposentei pela colônia de pescador, não pesco mais para comerciá, pesco para comer. Aqui na comunidade pescador só tinha eu, o Félix, o Raimundão pescador e o Taquinha, o Taquinha pesca até hoje, no Araguaia.

No rio tinha muita água, muito peixe, muita caça, os fazendeiros acabaram com o meio ambiente, muitos lugares está destruído a beira rio. Esse rio aí eu viajava de Xambioá ate Porto Lemos, conheço tudo por água, desse rio até Aruanã, conheço pedra por pedra, sei até quantas cachoeiras tem no rio Murici, são 43 cachoeiras, fora as cachoeirinhas menor.



Fuiromeiro, fui pescador, fui tudo, sou quilombola, me sinto orgulhoso de ser quilombola, são 315 famílias quilombolas aqui."

CONCEIÇÃO VIANA DA SILVA,
DADÁ



"O Griô não é só estar sentado numa cadeira, é trabalhar com a comunidade, é ajudar os jovens em tudo que for possível, fui professora, gosto muito de crianças, amo crianças. O Griô precisa visitar as pessoas, coisa que eu gosto, visitar as pessoas doentes, brincar com as crianças, a gente sempre fazia uma merendinha para eles, um suco, eles gostam, eles brincam, pulam, até eu brinco com eles. Trabalhei com criança, fazer remédio, gosto de plantar várias plantas aqui, ontem mesmo chegou uma menina aqui, falou, eu estou com dor de cabeça, sentindo febre, começando a gripar, peguei um bocado de folha, folha de hortelã, folha de gervão, dei para ela falei você cozinha na panela, espera esfriar e toma um banho dos pés a cabeça. Ensino a fazer chá, para gripe, chá de hortelã, malva do reino, erva de santa Maria, gosto sempre de ajudar as pessoas no possível, dinheiro não tenho, mas palavras, eu gosto de todo mundo, moro aqui em Muricilandia tem mais de 30 anos, para mim aqui é uns irmãos que eu tenho."

ROSA MIRTES PEREIRA



"Meu nome Manoel Pereira Borges, sou do dia 14 de agosto de 1942, nasci em Loreto, Maranhão, com 3 anos vim com meu pai para Goiás, nesse tempo era Goiás, para o povoado Porto do Sítio, na beira do Manoel Alves Grande, de um lado Maranhão, do outro Goiás. Moramos 5 anos, aí viemos para Araguaína, na década de 50, moramos em Araguaína 2 anos, em 52 apareceu uma velha que diz que via o padre Cícero, e ele conversava com ela, ele dizia que dentro da mata tinha um morro e em cima do morro um cruzeiro, era para ela vim e descobrir esse morro. Porque aquele era um lugar que íamos ter muito sossego.

Eu tocava Reis, Divindade, desde o começo tinha todos os anos, careta, eu tocava festa também. O Reis é em janeiro, o Reis nosso aqui tinha Boi, Careta, Burrinho, essas coisas assim, e se fazia a noite, tinha esses personagens do Bumba meu Boi, acabou. O Careta é um personagem de animar, ele corre atrás de menino, menino tem medo, o Careta dá chicotada, tinha cara que zangava, aí parou. Ficou só a cantoria, chegava na casa cantava o Reis, saía para outra casa. Começava antes do dia 6, dia 6 encerrava, cantava no Pé do Morro, Cocalinho, tinha que começar muitos dias antes. Canta de noite e o terço só vai ter no dia de Santo Reis, canta até umas 2h.



Essa história que vou apresentar através da música tem uma origem, o começo dela vem de longe, do Juazeiro, tempo que o padre Cícero era vivo, tinha aqueles momentos de seca pesado no nordeste, ele as vezes dizia para o romeiro, pedia para eles saírem e procurar as Bandeiras Verdes."

**MANOEL PEREIRA BORGES,
CONHECIDO COMO DOS
SANTOS**

MÚSICA: O COMEÇO DA HISTÓRIA
AUTORIA: MANOEL PEREIRA BORGES, DOS SANTOS

Meu padrim Cícero dizia
A seca mata, faz medo
Por isso eu digo a vocês
Se mudem enquanto é cedo
Atravessa os rios grandes
Procura as bandeiras verdes
Antónia Barros de Souza
No começo da história
Vidente do padre Cícero reuniu o povo e
disse
Prepare-se é agora
Que nos vamos partir
Iremos descobrir o morro santo
E a cruz da vitória
E nós vamos partir
E iremos descobrir
O morro santo e a cruz da vitória
Tempo bom foi o que passou
Tempo bom foi o que passou
Aqui era mata fria no tempo da romaria
Que o padre Cícero deixou
Aqui era mata fria no tempo da romaria
Que o padre Cícero deixou
Entraram de mata adentro usando foice e
facão
Para o lado do por do sol
Essa era a direção

E quando amanhecia o dia
Antónia Barros dizia se ia no rumo certo
ou não
E quando amanhecia o dia
Antónia Barros dizia se ia no rumo certo
ou não
Assim foram muitos dias e ninguém
desanimava
Descia a serra e subia
Muitos riachos passava
Até que num belo dia
Todos com muita alegria
No Pé do Morro chegaram
Até que num belo dia
Todos com muita alegria
No Pé do Morro chegaram
Todo dia rezava o terço
Toda a noite tinha a reza do terço
De sexta para sábado
Penitência a noite inteira
E sábado para domingo
Penitência a noite inteira
E as vezes 10 rosários
Para rezar segunda-feira
E as vezes 10 rosários
Para rezar segunda-feira

Dia de sábado não se trabalhava
Dia de sábado não se trabalhava
Segunda também não
Domingo se rezava
Sem falar nos dias santos
E quando a chuva não deixava
E todos tinham fartura
Por que Deus abençoava
E todos tinham fartura
Por que Deus abençoava

Antónia Barros de Souza no começo da história
Antónia Barros de Souza no começo da história
Enquanto tu vai agindo
A escrita vai surgindo
Gravado em nossa memória
Enquanto tu vai agindo
A escrita vai surgindo
Gravado em nossa memória

"Nasci em Barra de São Pedro, município de Oricuri, Pernambuco, houve 3 anos de seca no Pernambuco, de 1949 a 1951, nós tinha gado, bode, ovelha, precisou vender tudo baratinho para vir para o Piauí, lá passei 2 anos, me casei em Uruçui, Piauí, e vim para Carolina, fiquei lá 20 anos, de lá vim para cá. Estou aqui desde 1973, fazem 49 anos. Vim procurando refrigero, lugar para morar e trabalhar para ganhar o pão, porque lá não tinha como plantar, não tinha chuva, vim procurando as Bandeiras Verdes, lugar que chovia, Maranhão, Piauí, Goiás chovia, optei por Goiás.

De Pernambuco eu já sabia desse lugar, o pessoal chamava do Cruzeiro do Morro da Velha, no centro de Goiás, de lá para cá vim atrás desses romeiros, quando cheguei aqui nesse tempo já tinha João Paulino, Dioclésio, Raimundo Boi, os Cardeais, o compadre dos Santos, Nula, um bocado de gente, muitos já morreram.

Meu bisavô era ferrado na pá, na fazenda da família Rolim, num lugar chamado Serra do Sabonete, meu avô e meu pai não eram ferrados, minha mãe era descendente de francês, minha bisavó casou com um francês.

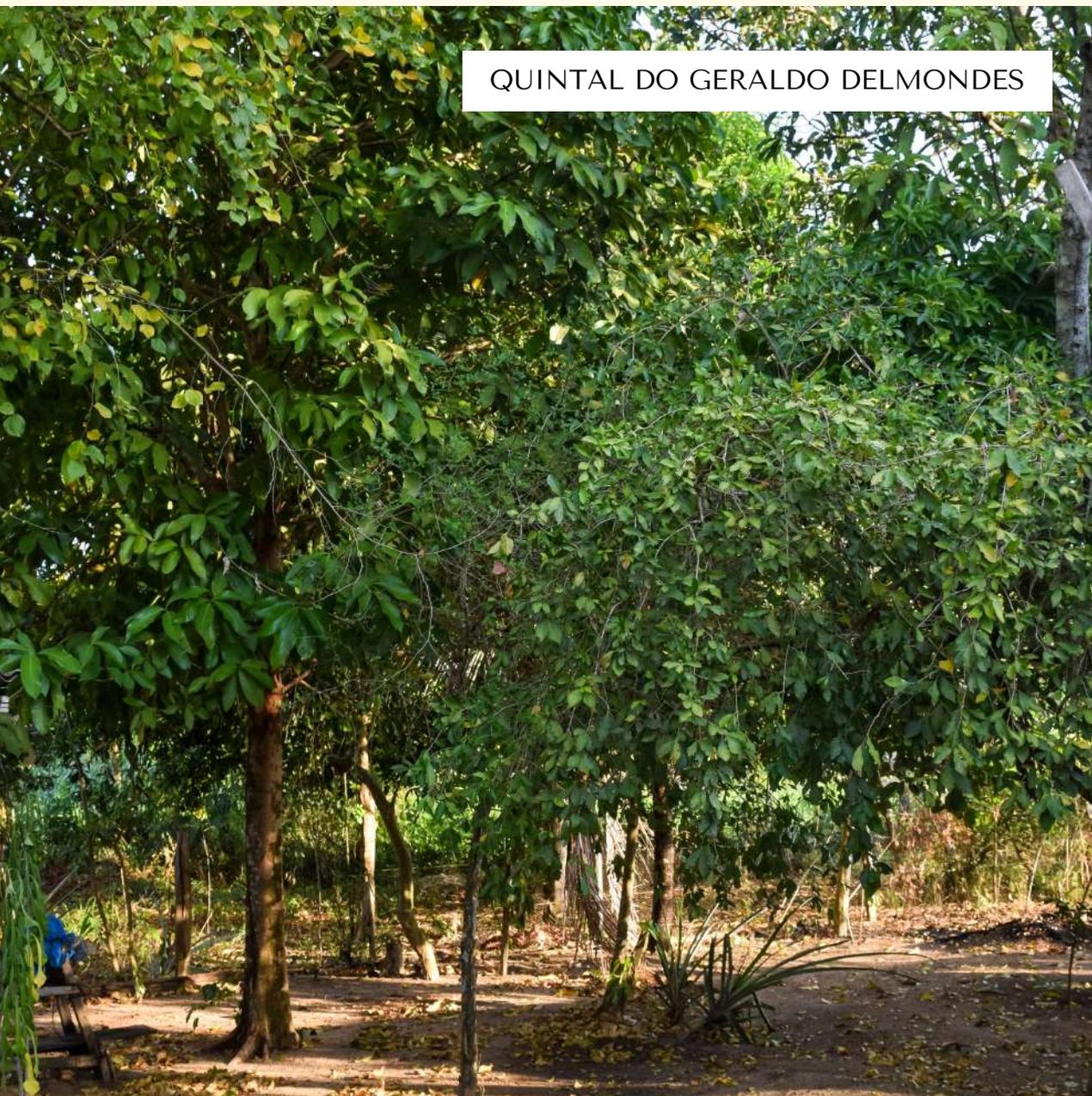
Vida boa era aquela antiga, depois que acabou a escravidão, mas a escravidão ainda existe, mas o pessoal não vivia mais com o pé na corrente e o açoite, e cada um vivia sua vida.

Quando cheguei para cá trabalhei de tudo que era coisa, roçando, plantando, ajudante de pedreiro, e trabalhando para mim, trabalhei uns tempos no ministério da aeronáutica, aí inteirei um dinheiro e comprei esse lote aqui, uma mini chácara, 105 litros, 1 alqueire e 5 linhas, aí a estrada passou e tirou 90 metros, a prefeitura veio e abriu 3 ruas, aí eu peguei e dividi, já que não tinha jeito de plantar mais, vendi lote, arranjei lote para a igreja.

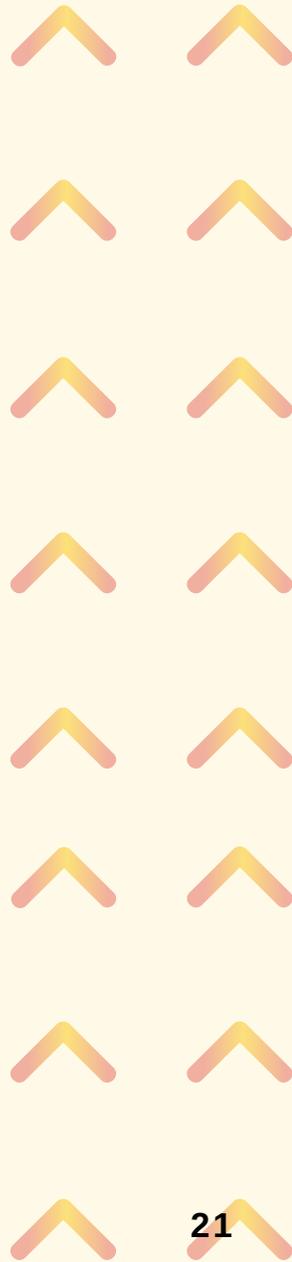
Aí teve o negócio de uma aconchego entre nós e a dona Juscelina pelo conhecimento que ela tinha e chegamos a se encaixar no desejo de plano que nesse tempo ela criou a festa do rebolado, aí o Manoel com a dona Juscelina criaram a associação quilombola, aí foi que acabamos de se encaixar, a dona Juscelina tinha a festa dela todo ano, no mês de maio e no mês de junho, festa do Divino e de Santo Antônio, e vivemos sempre na união como negro.

Nessa luta eu ajudei a criar 26 meninos, meus filhos, 11 sobrinhos da minha mulher, e 5 irmãos.

Estou com mais de 80 anos, hoje em dia tudo é bonito, tudo é bom, diz que tudo tem, tudo é moderno, naquele tempo não tinha mas a gente buscava a gente lutava. Tem gente que hoje não acredita muito no tempo antigo, porque nós sabe, nós já passamos, eles acreditam só nas coisas modernas, eles nem se preocupa com os acontecimentos que tá. Se vê meus avôs falavam daqui mais uns tempos vai aparecer peste, fome e guerra e doenças que nem os médicos descobrem, vai ter umas guerras e depois um tempo bom, nós estamos no apocalipse mas pessoal não entende, nós estamos no fim, mas os novos não acreditam.



QUINTAL DO GERALDO DELMONDES



Só acreditam no negócio do site, do zapzap, só naquele negócio, eles tem que conhecer pelo menos as estrelas, o nome dos planetas, sabe a direção dos planetas. O que que ele forma, o que que ele foge, quando aparece as 7 estrelas, quando aparece o cruzeiro do sul, quando aparece o sistema lunar, a situação do sol, conhecer as mudanças que vai ter. Posso dizer não vai 20 dias vai chover, observou a posição da lua e do sol, olhou como está o cruzeiro, quando ele está com uma mancha é sinal de chuva, quando está todo branco é sinal de verão. Quando a 7 estrela está aqui em cima, que as estrelas estão brilhando é sinal de chuva, essas 7 estrelas tem a arca de Noé, as 3 Marias, os 3 Reis Magos, os novos não conhecem os nomes das estrelas, eles não sabem qual é a estrela D'Alva, só quer saber do negócio do celular.

Estão esquecendo do conteúdo bom, que é o conhecimento, o que é a vida, saber o que foi sofrer, o que foi criar, o que foi vencer, reconhecer, ajudar alguma coisa. Daqui a um tempo vamos fazer um mutirão de conhecimento e arte, passa de semana, vem professora de Palmas, Araguaína, Brasília, Paraíso, Gurupi.



Eu sou um dos Griô,
o mais velho é o
Carlinhos, depois
sou eu."

**GERALDO DELMONDES
FERREIRA**



HISTÓRIA DA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA DONA
JUSCELINA





FRANCISCO DE PAULA PEREIRA DE SOUSA, PAULO PEREIRA DE SOUSA E MARIA EURÂNIA DA CONCEIÇÃO

FRAGMENTOS DA CONVERSA DE FRANCISCO DE PAULA PEREIRA DE SOUSA, PAULO PEREIRA DE SOUSA E MARIA EURÂNIA DA CONCEIÇÃO

"Meu pai nos falava, muitas vezes, que ele encontrou com a Antônia Parnaguá, próximo de Araguaína, ela tinha esse projeto, que o Padre Cícero tinha revelado que era para vir nesse morro descobrir um cruzeiro.

Meu pai era solteiro, lavrador, caçador, tocador de festa, ele vinha com uma caravana lá do Piauí, de Bertolínea, com a mãe, os irmãos, irmãs, era o mais novo, mas ele que cuidava, era arrimo de família. E encontrou com a Antônia Parnaguá, uma beata. Meu pai não era romeiro.

Antônia Parnaguá estabelecida em Araguaína, começou a fazer algumas reuniões, o que contrariou as autoridades de Araguaína, que havia um plano de emancipação, eles não queriam a dispersão do povo, e nossos pais sofreram muitas retaliações, ela passou a ser uma pessoa não grata as autoridades de Araguaína. Araguaína fazia parte de Filadélfia, depois de constituído o povoado, eles ainda votaram em Filadélfia.

O discurso dela era como uma espécie de Canudos, Padre Cícero de Juazeiro, numa visão tinha dito que viria esse povo para essa terra que seria o Santo Campestre, o discurso era religioso, uma conotação religiosa de romaria, e foi nesse período que ela capturou meu pai, com esse discurso, eles chamavam de Bandeiras ou Santo Campestres. Como ele era retirante nordestino e já fazia incursões em Goiás, e voltava para o nordeste, aí eles entraram nessa caravana. O discurso dela sensibilizava, ela era muito boa na locução e como ele não era romeiro devoto, mas era católico praticante via no padre Cícero um santo, meu pai tinha dificuldade de ver o lado político do padre Cícero.

Nosso pai desconfiava que ela tinha uma espécie de premunição, ela não ia na frente da picada, mas dizia quando eles erravam a picada. Ela dizia em tal lugar vocês tem que virar tantas braças para tal lugar, foi vários dias de picada até chegar no morro e ela dizia todas as vezes que errava sem nunca ter pisado lá na frente.

Ela dizia que após encontrar o cruzeiro ele não podia tomar nem sereno nem chuva, teria que fazer uma casinha de pedra e depois uma igreja. De lá ela já dizia detalhes do cruzeiro, ela sabia mais ou menos o tamanho e a forma. Meu pai ficava desconfiado, porque não fazia sentido uma mata virgem daquela que eles faziam a picada, não tinha um pé de cristão, ter um cruzeiro. Aí eles chegaram e subiram no morro, e viram o cruzeiro.

Na caravana tinha 55 pessoas parece. O cruzeiro tinha de 22 a 24 cm e estava meio deteriorado pelo tempo. Quanto a Antônia, ela só veio a Muricilândia dois anos depois, a influência dela na fundação de Muricilândia foi que o bloco que veio com ela e ficou em Aragominas, permaneceu lá até o período das roças, e como estava começando a ter uma rivalidade na divisão dos lotes, e como ele subia para fazer penitência e rezar lá em cima, de lá ele viu uma nuvem em cima do rio Murici. Quando saiam para caçar e se afastavam um pouco mais, dava a ideia que as caças se dirigiam para cá, era tudo mata virgem, floresta amazônica e transição.

Meu pai não tinha nem ideia de quem era Antônio Conselheiro, mas o que ele deixou claro para nós, é que a ideologia era a lá Canudos, ou seja fazer uma espécie de Paraíso aqui na terra, com essa forte tendência religiosa, de roça comunitária. Compartilhavam uma espécie de mocambo, aquela coisa da troca, quando matava um gado vizinhava com todo mundo. Existia um forte elemento religioso na questão da liderança da dona Antônia, então pela lógica dela não era para dispersar do Pé do Morro, por que ali era o lugar que o padre Cícero tinha escolhido.



FRUTO DO MURICI



PÉ DE MURICI

Nós e Araguaã fomos os primeiros distritos da então emancipada Araguaína, nosso pai foi eleito o primeiro vereador da região por dois mandatos."

FRANCISCO DE PAULA PEREIRA DE SOUSA E PAULO PEREIRA DE SOUSA

"Eu nasci em Carolina, em 15 de agosto de 1938, depois desceram para Baçulândia, moramos muitos anos em Babaçulândia, de lá viemos para Araguaína em 1948, meu pai o velho Eliseu, era trabalhador, era de Goiás. Cheguei aqui com 10 anos, casei com 18 anos, trabalhando, a gente não tinha aquela usura que tem hoje, nós fazia uma roça aqui, uma terra boa, tinha muita caça, a gente ia caçar, achava outro lugar muito melhor para roça, já botava roça naquele outro lugar, o povo não tinha ambição com nada. Minha velha teve 9 filhos, morreu 2 ficou 7, ela foi embora agora dia 16 de janeiro de 2021.

Eu sou fundador, chegamos aqui em 1954, descobriu aquele morro, mas a água era muito pouquinha, aí desceu 8 homens para cá, onde o João Paulino veio nesse grupo de homens, de lá eles observaram de cima daquele morro que quando o mês de agosto aonde tem uma água a gente vê aquela fumaça da água. Então de lá eles localizaram essa fumaça debaixo dessa matona, essa mata era alta, daqui para Araguaína você não via sol, era uma mata alta, mata que nunca tinha visto fogo, ninguém, só bicho, ficava aquela muntueira de folha, nunca tinha queimado. A água desse rio, onde saímos, no porto, era do João Taboca, primeiro acampamento nosso, depois o João Paulino veio mais para riba, o barracão, o compadre Carlinhos, o compadre Shirlei, foram assituando ali. Nós já compremos bem encostado da igreja que era da velha Maria Preta, tudo era nosso ali, meu pai morou ali uns 40 anos, meu pai trouxe muita coisa para vender, naquela época não comprava roupa, comprava o pano e mandava fazer a roupa.

Era difícil, daqui para Araguaína nos passava 3 dias para chegar lá, por cima dessas serras, animal caindo, animal atolado, levando as carguinhas para vender para arrumar coisinha para trazer. Fomos fundador de Araguaína, morava em Babaçulândia e viemos para Araguaína, fiquemos na rua do Calindé, não tinha estrada, naquele tempo passava 3 a 4 dias de Filadélfia a Araguaína, meu pai tinha uma tropa muito grande de animal e viajava para Babaçulândia, comércio dele era Babaçulândia. Aí nós fiquemos esse tempo meu pai comprando coisa em Araguaína e entregando para os patrão dele, para Babaçulândia era 12 léguas e para Filadélfia 20, só na areia, atolando não tinha ponte não tinha nada, chegava naquelas grotas tava cheia, parava para deixar vazar para poder passar.

Nossa vida aqui foi problema, nós conta o que nós sofreu aqui, descobriram esses garimpos, Xiquerão, até chega em Araguaci, que é aqui, um povoado, deu muito cristal, um garimpo muito rico. Nós descia daqui, já tinha coisa para vender, arroz, farinha, porco, galinha, tudo, comprava do nosso povo e descia nas canoas, 4, 5 canoas cheias para vender em Araguaci, chegava lá vendia tudo, aí tornava voltar para fazer mais, não tinha esse motor rabeta, nós saia era varjando, remando aquela canoa 3, 4 dias para chegar aqui, hoje nós saí de lá quando dá 4 horas está aqui com esse rabeta.

Levava tudo para Araguaína, não tinha Araguaçi ainda, farinha, nós vivia de quebra de coco babaçu, tudo era de costa de animal, era tropa, João Paulino tinha tropa, meu pai tinha uma tropa grande, babaçu, pele de caça, fazia aquele monte de coisa, levava tudo para Araguaína, 3 dias para ir, 3 dias para voltar, hoje vai em 30 minutos é ligeiro demais."

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS





RIO MURICI

"Aqui o pessoal vivia de penitência era rezando noite e dia, o projeto aqui era as roças, quebra de coco babaçu, quebrava o coco botava nas carga dos jumentos e levava para Araguaína, vendia, e comprava sal, querosene, roupas, calçados. Aí quando abriu um garimpo em Araguaci, veio os motores de Xambioá até o garimpo, e chegaram até aqui, aí melhorou, os motores vinham, nós comprava as mercadorias nas mãos dos barqueiros e foi melhorando, aí vinha remédios. Romeiro é um povo que reza muito, reza a noite, trabalha de dia na roça.

Aqui era só mata, e bicho do mato, onça e tudo, só não tinha aldeia de índio, abriram as roças, a gente dormia em cima de um sóti, fazia um girau e a escadinha de um pau só para subir, hoje chama casa de dois andar, porque as onças pegavam os cachorros em baixo.

Veio com o João Francisco de Sousa com 7 homens, abrindo picada, saiu na Ponta de Pedra, é um remanso fundo, um pedral, aí o povo foi assituando ao redor, botando roça, uns pra cá, outros pra lá, aí foi chegando gente de Araguaína, e hoje está uma grande cidade, nós que construímos a cidade.

Aqui era tudo romeiro, não tratava de festa, não tinha briga era tudo um pessoal unido, não tinha violência de jeito nenhum. Era uma comunidade de romeiros, aí foi evoluindo a cidade, chegando gente diferente, chegando mineiro, baiano, aí mudou. Nós comprava o sal, querosene, roupas, calçados, remédios, tudo em Xambioá, descia de canoa remando, passava 6, 7 dias para ir em Xambioá e voltar.

Trabalhavam muito com coco babaçu, fazia azeite, vendia, tinha comprador de coco inteiro aqui, de Xambioá levava para Araguaína, da era de 52 até 67 o garimpo era o coco, nosso pessoal mais velho que mexia com coco chamava quebra de coco, fazia aquele mutirão de mulher e homem e entrava para dentro das matas onde tinha cocal, onde tinha o cocal tinha um corgo bom, eles fazia o ranchinho e situava ali e fazia a quebra. Naquele tempo não tinha coco como tem agora para todo canto, tinha os cocais, onde faziam o Centro, o barracãozinho.

Muricilândia era o povoado e lá fora eram os Centros, o Centro era de uma pessoa, o morador. Tinha o Centro do Vela Preta, Centro do Domingos Pedro, Centro do Abelardo, Centro do João da Mata, tinha a casa lá e tinha a casa aqui também. No Centro do Manuel da Alzira era mais longe morava lá."

CONCEIÇÃO VIANA DA SILVA, DADÁ



"O padre Cícero conversava com ela, aí ela contava essas histórias para o povo e vieram um grupo de pessoas de lá, entraram na mata ali em Araguaína perto da ponte e fizeram a picada, um bocado de homens. Eles trabalhavam o dia fazendo a picada, ela ficava no rancho, quando era de tarde voltavam, de noite rezava um terço, toda noite. No outro dia para sair ela dizia vocês entram mais a direita, ou esquerda, no outro dia continuavam a picada e quando estava assim meio longe mudava a barraca para a ponta da picada e continuava.

E todo dia quando amanhecia o dia ela dizia se podia entrar mais para um lado ou para o outro, ela dizia que o rumo certo era o rumo que o sol se põe, até que um dia chegaram no Pé do Morro. Se arrancharam, roçaram, fizeram um barraquinho, e quando foi o outro dia subiram o morro, foi no dia 20 de agosto, eu era menino, o João Paulino era rapaz, foi um que subiu no morro também com o grupo.

Aí quando subiram, tem um pé de jatobá, quando chegaram no pé ela disse vamos entrar aqui, ela estava com um pano na cabeça, ela saiu na frente e os homens atrás, do pé de jatobá até a cruz tinha uns 50 metros, ela tirou o pano e botou no chão a cruz está aqui, quando ela tirou o pano estava a cruz. Uma cruz pequena, velha, a madeira estava preta, cruz antiga, aí fizeram uma paredinha de pedra para ela não pegar sol e chuva. Nesse mesmo ano meu pai veio fazer roça no Pé do Morro, em 52 e de lá em 53 viemos para cá, porque o João Paulino mais um grupo de homens, no morro observaram que tinha uma barra de nevoa por cima da mata, viram que era uma vertente de água, um ribeirão, saiu um bocado de homens e chegaram até aqui em Muricilândia.



LUÍZA OLIVEIRA BORGES, ESPOSA DE
MANOEL PEREIRA BORGES,
CONHECIDO COMO DOS SANTOS

Aí começou o povoado, a velha Antônia ficou no Pé do Morro com a devoção dela e aqui, o João Paulino tinha um irmão chamado Barnabé, tinha um menino, quando o menino chegou aqui disse que viu o padre Cícero também. Aí a velha Antônia comunicava com o padre Cícero no Pé do Morro e o menino aqui, nós morava aqui seguia o que o menino dizia, mas tudo numa direção só. Aqui nos tínhamos 3 vezes por semana, sexta para sábado, sábado para domingo e domingo para segunda, três noites de penitência, toda semana, penitência é passar a noite rezando, a noite todinha sem dormir. Tinha pessoas que não aguentavam a noite toda, ficavam até 1 hora, 2 hora e ia para casa dormir um sono depois vinha, outros ficavam a noite todinha, eu era menino, a gente passava sono dentro da igreja, saía para fora ia brincar, correr.

Aqui chovia muito, as primeiras roças foi difícil para plantar porque não queimava que prestava, mata fria, chovendo muito, as vezes passava dias sem ir para a roça trabalhar porque a chuva não deixava. A gente não trabalhava de sábado, era ordem do padre Cícero, sábado, domingo e segunda, a gente não trabalhava na roça, trabalhava em outros serviços, em casa.

E todo mundo tinha fartura, aqui foi a terra prometida que aconteceu no tempo de Moisés, aqui para nós foi aqui. Nos outros lugares, meu pai trabalhava e não conseguia mantimento que desse de um ano para outro, aqui foi onde nós conseguimos mantimentos que dessem de um ano para outro, quando ia apanhar arroz, ainda tinha arroz do ano passado no paiol.

O menino quando tinha mais de sete anos de idade, já na igreja velha, um dia, no domingo terminou a penitência, ele disse meu padrinho falou que a última vez que eu vou ver ele é hoje, não vou ver mais ele não, aí encerro. Antes na penitência ele dizia assim, 5 hora vai ter missa, ele entrava na igreja ia para frente do altar, dizia meu padre Cícero chegou, dizia fica de joelho, na hora que era para ficar de joelho, mandava levantar, e dizia amanhã você faz assim, assim, assado. As vezes a pessoa estava doente, e ele dizia você fala para fulano de tal tomar chá disso ou aquilo, e a pessoa fazia e ficava bom, por isso que a fé é o que importa.

Meu pai mesmo quando estava fazendo aquela igreja, tem o retrato dele lá, ele mexendo com parede de adobe deu uma gripe, que ele tava rouco da garganta, amanheceu o dia o menino veio bater lá em casa, na casa do papai, ele disse seu Nula, meu padrinho falou para você fazer chá assim, assim para ficar bom dessa gripe, e ele fez, e continuou o trabalho dele e ficou bom. Então são muitas coisas que acontecia que as pessoas acreditavam e fazia realmente acontecer essa fé, as pessoas rezar, rezar sempre.

Naquela época a diversão aqui era a penitência e também tinha festa, tinha eu que tocava rabeça, e tinha o Raimundo Piaba que tocava pife, fazia aquelas festinhas o povo brincava, mas o forte mesmo era brincadeira de roda, lindô, brincadeira de roda se brinca pegado na mão, fazendo roda, cantando, uma pessoa fica no meio da roda diz um verso, brincadeira que não é trocando, agora o lindó é trocando o par. No verão tempo de lua, não perdia um fim de semana, reunia, brincava nos terreiros, nas casas que tinham um terreiro grande, ou no meio da rua."

MANOEL PEREIRA BORGES

"Eu sou uma pessoa que me criei aqui, cheguei aqui tinha 9, 10 anos de idade, vim do Piauí, de Bertolínea, viemos no meio de carga, de pé do Piauí para Goiás, que nesse tempo era Goiás, ficamos pouco tempo na Chapada Redonda em Araguaína. Aí abriu este lugar para cá, veio primeiro meus tios, irmãos da minha mãe, Domingo Pedro, João Paulino, chegamos por picada, dentro dos patuás, jacás de couro, os pequenos nos braços. Ficamos aqui naquele sofrimento de pobreza, aqui não tinha nada, nem comprava nem vendia, tinha que trabalhar e se manter do próprio trabalho. Eu fui criada com leite de coco, com azeite de coco, com caça do mato, meu pai era lavrador, arrumou um pedacinho de terra no pé da serra, lá ele trabalhava e sobrevivemos, criou os filhos nessa luta todinha.

Meu pai levava em Araguaína as cargas de babaçu quebrado. Quando eu era nova era muito criativa, com 12 anos subia em palco político, discursava para político, para o Anatólio que era prefeito de Araguaína, Guilherme Dourado vinha trazer o lavrado aqui de helicóptero, falava tal dia vai ter comício. Dia 7 de setembro eu discursava nessas esquinas tudo, 7 de setembro era festejado, a gente saía desfilando e cantando nesse Muricilandia toda, ia para Pé do Morro.

Estou desde menina no quilombo, desde o começo da história, romaria, Manoel Borges, dona Antônia, isso tudo, subi naquele morro muitas vezes. Quando era menina a gente saía rezando em procissão para o Pé do Morro, de vela acesa, bandeira e subia naquele morro. Subia no morro e era difícil, hoje está mais fácil, tem escada, depois que eu casei nunca mais fui. Todo ano tinha essa procissão para lá, tinha um festejo do Divino Pai Eterno, hoje ainda tem. Tinha romaria que ia para o Ceará, ia de carro, essas eu nunca fui.

A Juscelina cantava Reis, cantava Divino, ela que começou o Divino e o Reizado, cada época ela festejava, o Reis em janeiro, no mês de maio o Quilombo. Hoje não existe mais tudo isso, a tecnologia tomou de conta.

A gente achava bom, não reclamava, as vezes em dia de lua cheia ia para a praça da igreja, juntava todo mundo e ia dançar o Lindô, as vezes fazia o Reis, o Boi Bumbá, festa era isso. O Chico Valero tocava e o Francisco, irmão de Ananias, dançava o Boi. Aqui era todo mundo trabalhando nas suas roças, nos seus afazeres, e o dia que dava reunia, nosso divertimento era esse. Não era muita gente mas todo mundo se unia.

Eu fui criada na roça mas não trabalhava na roça, eu sou filha única, com 12 anos minha mãe ia para a roça com o meu pai e meu irmão mais velho, deixava o balaio de algodão desse tamanho, deixava para mim fiar, primeiro minha mãe me ensinou fiar no fuso, depois meu pai fez uma roda, e eu ficava fiando. Eu me sentia uma rainha, era bem tratada pelos meus pais, porque tem pais que fazem dos filhos escravos, eles não me escravizaram, fazia serviço de casa assim, depois dos 12 anos, e por pouco tempo que eu casei com 16 anos.

Meu marido era muito trabalhador, Cícero Batista, fez essas pontes, trabalhou na abertura da Nova Horizonte, mexia com gado, comprava e vendia, tinha açougue, era gambireiro, uma hora tinha as coisas na outra não tinha nada. E eu todo ano um filho, tive 8 filhos, faz 27 anos que estou viúva, ele morreu com 62 anos, passou uns 15 anos doente, era diabético, sofreu muito, ele era bem mais velho do que eu. Ele comprou muitas chácaras, quatro com essa aqui, as chácaras eram toda limpa, formadinha, tinha o gado melhor da região, esse posto de saúde foi ele que doou o chão para construir, cedeu a terra para construir a escola. Tenho 7 bisnetos."

ODETE CARDEAL BATISTA, EDITE



"Nasci em Colinas do Maranhão, vim para cá na época que o João da Mata cantava Divino, início da década de 70, e peguei a andar com a Juscelina, vim sozinha. Nós sofremos muito aqui, andando muito, tem vez que era de a pé, mais de a pé do que de carro, daqui para o Pé do Morro, Cocalinho, tudo nós andava cantando Divino, com a bandeira, batendo a caixa, a Juscelina e o finado Cristino, que era o chefe das caixas. A Juscelina era romeira, cantava Divino, Reis, e tinha as rezas todos os anos, São João Batista, as penitências. As penitências, saia um bocado para as comunidades para rezar, chegava naquele lugar tinha um santo, passa à noite aquele multidão de gente, rezando a noite todinha, aí tem o café, o bolinho. Quando chega tem a janta, e no outro dia cedo nós tocava para o mundo, chegava aqui o sol tava tinindo de quente.

Sinto muito a morte dela não sei quando essa dor vai acabar, nós não era nada mas no mesmo instante nós era parente, todos humanos somos cristão, eu amava muito ela. O Cristino faleceu e nós ficamos nessa luta. Todo dia 13 de maio tinha reza na casa dela, juntava muita gente, vinha gente de longe, era 3 dias, aí passou para 4, tinha comida, toda hora estava chegando gente, a noite tinha a dança, forró, tudo. Tinha a Negra Mariana, ela que ensinou, um cantando e a gente dançando, só mulher, agarra no braço, veste aquelas ropona comprida, e vai brincar.

O Manuel Filho era o cantador, o canto e a percussão eram os homens, é uma roda, mas dança solta, pega na mão, dança de roda. Tinha também o Lindô, o Rebolado, o Rebolado saía se requebrando todo, nessa hora não sente nem dor, e é bom que no outro dia você amanhece, ativo, alegre. As moças novas dançavam o Afro Quizomba, ela faltou, eu tenho fé que não acaba não, ela está no meio de nós. Nas rezas nós pedíamos muitas coisas, que Deus olhasse por nós, que não nos deixasse passar fome, passar tanta necessidade. Eu trabalhava de roça, hoje não tenho mais força para isso. Tive 5 filhos, morreu todos com meses, criei 4.



A Juscelina tinha uma dor, que aturava muito ela, ela andava assim mais nós, mas era mulher que sofria, aquela dor dava, era dor que ela mudava de cor, tinha hora que ela ficava amarelinha, e foi quem levou ela."

MARIA DA CONSOLAÇÃO
LEMUS DE SOUSA, CONSOLA

"Vim para cá, para esse lugar em 1972, antes desse ano vim de Araguaína e fiquei numa terra para lá, ali naquele pé de ladeira na serra do Pé do Morro, dizia que não tinha dono, aqui era assim quem chegasse que arranchasse era dono, primeiramente veio o sobrinho do meu marido, eu morava em Araguaína, tinha casa, tinha terra também, mas meu marido iludiu e viemo, aí ficuemo nessa terra, só a família, lá era muito bom, terra boa, no pé da ladeira acolá, tinha de tudo nessa terra. Meu marido veio plantou a roça depois foi me buscar para apanhar o arroz, eu não queria vim, meus meninos tudo pequeno, adolescente, aí eu vim. O irmão do Gaiola incuti de comprar nossa chácara, vendemos e viemos para a roça. Aí apareceu o dono que falou que tinha comprado aquela terra lá, e mandou nós sair, isso em 1972, falou ou sai ou vamos botar gado para comer a plantação, aí viemos para cá, compramos essa casa.

Isso aí é barro de telha e o Manuel não sabia mexer, outras pessoas começou a arrancar barro e fazer tijolo, aí começamos a fazer e vender, aí arrumou lenha e começou a queimar, aí começamos a fazer telha, fazer pote, todo lugar tem dessa telha, foi o sustento da nossa vida aqui. Não fiquei com nenhum pote, todo dia o povo comprava."

ANTÔNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS





POTE FEITO PELA FAMÍLIA DA ANTÔNIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

"Vim do Nunes, perto de Ananás em 1957, tinha 5 anos, para chegar em Araguaína foi 3 dias, montado num cavalo, eu num jacá meu irmão no outro, e o Manuel no meio, viemos em 4, ficou um com minha mãe. De Araguaína para cá foi mais 3 dias, começamos a trabalhar aqui, a escola era bem aí. Todo mundo colocava roça em qualquer lugar, depois de um tempo começou a descer os fazendeiros, cercar e expulsar, pagar uma mixaria, aí tinha que sair. Daqui até no Araguaia tinha gente habitando aí.

Esse alto era do meu pai, 2 alqueires e pouco, conseguiu outra na beira do rio e tinha outra. Em 1967 botamos uma roça grande, teve um inverno muito grande, quando o arroz tava madurando chegou o inverno e cobriu todo, a gente via os peixes comendo os cachos de arroz, por baixo do Paulinho um pouco, depois do Marinho. Aí a gente teve esse prejuízo, teve que vende a terra para pagar o banco, foi um financiamento do Banco do Brasil. Eu descí para o garimpo, nunca arrumei nada, só trabalho.

A primeira derrubada, em Novo Horizonte foi 2.500 alqueires, foi tudo na foice e no machado, trabalhei lá.



Era trabalho pesado mexer com roça, mas todo mundo trabalhava, tranquilo, juntava 10 homens derrubava uma roça, era tudo animado, produzia muito."

ADÃO DIAS DOS SANTOS E MARIA DEZINHA PEREIRA DOS SANTOS

"Nossa família, o meu pai no começo mexia com boiada, pegava boiada no Maranhão para trazer para o Goiás, naquela época, levava de um lugar para outro. Depois quando o pessoal começou a sumir do Maranhão, ele morava em Balsas, ele tinha uma tropa boa, tropeiro, pegava a turma que vinha para essa região, pegava as bagagens de todo mundo e vinha deixar perto de Filadélfia, voltava e ia buscar outra família, aí trouxe meio mundo de família para cá, para Araguaína, depois mudou para esse lado de Pé do Morro. Meu pai antes da época de 50 ele veio deixar gente onde naquele tempo chamava Zeca Barro, esse homem foi quem me levou quando minha mãe ia me ganhar, teve problema, meu pai saiu num burro, foi lá, pediu ele veio num avião, tinha pista, levou minha mãe, na hora que o avião baixou eu nasci.

Ele veio deixar gente em 48, 49, por aí assim, aí esse povo diz que voltou. Ele casou já aqui no Murici, a minha irmã mais velha nasceu em 56, meu pai casou aqui em 1954, mas veio antes, que a minha avó já estava aqui, a mãe da minha mãe, ela foi a primeira parteira de Muricilândia, ele veio do Maranhão de Colinas, Maria Quirina, trouxe os filhos tudo, ficou uma casada, e os filhos já estão tudo com 60 anos pra lá, ela morou onde é o balneário.

Naquela época para subir aqui era muito difícil, não tinha ponte, tinha uma balsa, puxava na corda, aí derrubaram os paus e fez uma ponte, feito pela mão de homem, era inteligência, porque força não dava, depois fizeram uma mais nova. Eu nasci em 64, na minha época eu era curioso demais, curiava tudo que tinha, e assim fui aprendendo as coisas. Meu pai não era romeiro, mas andou com o pessoal da romaria, mas tinha uma irmã dele que quando os romeiros desceram, ela foi até no Araguaia, uma senhora de Julia. Aí o Manoel Borges falou que era para ela ficar cuidando do morro do Pé do Morro, morreu lá ficou lá até morrer, cumprindo ordem, veio um recado do padre Cícero para não comer carne nem andar de carro, morreu sem andar de carro nem comer carne. A família do papai todinha era romeiro, uns ficaram no Pé do Morro, outros veio para cá. O meu tio foi o primeiro prefeito de Araguaína, Anatólio, primo do meu pai.

Ele trabalhou de roça, ele trazia roupa, rede, bebida, para vender aqui, ele tinha muito animal, fazia farinha, feijão e ia abastecer Araguaci, Xambioá e Araguaína."

FÉLIX NETO DA SILVA FERREIRA

CONFLITOS
TERRITORIAIS DA
COMUNIDADE
QUILOMBOLA DONA
JUSCELINA



"Naquele tempo nós não pensava que essas terras ia ser cortada e que o governo ia vender, nosso pensamento era que as terras eram devolutas eram do povo, qualquer um podia botar sua roça e ficar para toda vida."

CONCEIÇÃO VIANA DA SILVA, DADÁ

"Aí os fazendeiros foram chegando, e disseram essa terra é minha, eu demarquei ela, e foi indo até que nós fiquemos todos sem terra, sem nada, acabou. Eles foram empurrando a gente, fiquemos sem nada, a gente não pensava que ia chega um dia dos homens toma conta de tudo, achava que a terra era de Deus, e nós somos filhos de deus não vamos sair daqui não e nem vamos dar terra para ninguém."

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS

"Aí teve uns fazendeiros grandes que começou a vir para cá lá no final da década de 1960 e começo da década de 1970, e levavam ele, meu pai, para fazer aberturas das fazendas e meu pai botava gente para trabalhar como peão, aí ficou sendo um Gato dessas fazendas, pegava o serviço de derrubada essas coisas, levava a turmona, fez a abertura de muitas fazendas.

Murici era muito bom, hoje acabou, mas naquele tempo você tinha tudo, todo mundo tinha dinheiro, todo mundo tinha serviço, tinha muito serviço, os que tinha dinheiro pagava para os outros roçar para eles, plantar roça.

Os fazendeiros chegam entre 60 e 70, foram abarcando, primeiro chegou umas turmas, chegavam armado, uns não queriam brigar, outros tinha medo, tinha que sair.

Primeiro chegou um do outro lado do rio, lá em cima, quando chegou o pessoal disse que era terrorista, era uns americanos, aí começou a ferver a coisa, o exército descia para cá. A do papai foi no ano de 71 ou 72, quando ele perdeu a dele, por causa de ameaça, chegou um cara aí, um senhor de Zé Rodrigues, o cara que chegou com ele deu umas ameaçadas no povo lá no meio do mato, teve uns que não saiu, o cara falava que não era para andar lá. Aí chegou seu João Isídio.

Chegou um rapaz um tempo, e um tal de Casteliano, diz que tinha vindo mandado de um povo, uns diz que era mandado do Ademar Benedito Boa Sorte, que nem conhecia o Murici, aí o papai ainda foi atrás deles e prendeu eles, naquele tempo tinha um negócio de delegado, falava para um cara que ele tava preso, ele vinha, não era que nem hoje que ele foge. Tiraram muita gente dai, tinha um tal de Salu, que passou um tempo dentro de uma bananeira, esperando esses homens passarem. Tinha uns fazendeiros meio forte aqui para baixo, que foi quem acabou com o povo de Muricilândia, tinha o Jerry Adriano, tirou todo mundo, o Dadá foi expulso.

Tinha um tal de Maurinho, que as terras dele não pegava a dele, mas expulsou, o Manoel Lopes, marido da Luzia, seu Delfino, eu sofri muito de canoa ajudando a tirar esse povo dessas terras. Tinha um outro, não lembro o nome, ele ameaça as pessoas que estavam nas terras que ele queria, e quem tava perto, tinha que sumi. Nesse tempo era pistoleiro, e era muito, eles andavam armados aí, eu lembro que um homem veio um dia com um fusca aqui, e no outro fusca 5 pistoleiro armado, e quem estava na terras dele saiu, esse era o Jerry Adriano.

Ele veio abarcando, quando estava chegando no João Paulino pegou, aí parou, arrumaram polícia, esse homem ainda foi preso, quando veio ainda tomou um bocado de terra, até topar num senhor de Viliquinho, e queria tomar tudo, aí o povo estava mais sabido começou a enfrentar, nunca mais veio aqui. Tinha uns cabra que ameaçava tinha que sair, queimava tudo, barraco, teve um que apanhou, a mulher dele apanhou, mataram porco, galinha, buscamos de canoa, o povo dos Mateus. Lá na Volta Grande, chegou aqui mexeu e virou, mas ficou por isso mesmo, todo mundo perdeu as terras. Quem ajudou esse povo aqui foi um tal de Artur, ele tinha algum poder, era uma pessoa diferente, aí liberaram umas roças aí, muita gente fez roça, isso em 73.

Teve um senhor, Mauro Quirino, quando eu nasci ele já tinha mexido com muita gente dessa região, tinha uma fazenda grande, de nome Vista Alegre, ele abarcou tudo de Araguaci até topar aqui na divisa do Murici, não podia chegar perto ele era perigoso. O Joaquim do Tato, onde chegava até a polícia corria, era perigoso, trouxe um pessoal dele que tava fazendo baderna aqui, eles queriam a terra, mas expulsaram eles, depois disso trouxe um povo meio com grana, Donaldo, Djalma, o pai deles conseguiu uma terra, e começaram a vim para cima do povo, tiveram que vende a terra, os pais do Dedé.



**MANOEL FILHO BORGES E FÉLIX
NETO DA SILVA FERREIRA
ELABORANDO MAPA DO TERRITÓRIO**

Tinha um pessoal que o João Paulino conseguiu um lugar para eles, o homem chegou sem avisar, deu uma surra nesse povo, para eles ir embora, mandou sumir no pé do morro, a terra deles era boa, pode ser até que foi tudo matado, não apareceu ninguém, ninguém soube notícia, entre 73 e 74. De 75 para cá acalmou, já tinha perdido as terras, não tinha mais jeito. De 69 até 74 foi feio.



O Joaquim do Tato, construiu um império de fazendas só botando o povo para correr. Comprou uma terrinha e foi entrando nas terras dos donos, achava ruim ele metia bala para cima, espantou muita gente, surgiu a fama do homem, quando ele chegava entregavam as terras a preço de banana e vazava com medo. E foi vindo, quando topou com o seu Nazaro, corajoso, tinha família grande, mas muita filha, e da família da frente muito rapaz, quando topou ele falou, você não avança nenhum palmo de terra na minha, começaram a se estranhar, ele viu que o velho não corria, aí foi quando deu uma parada. Foi para Ananás e depois para o Pará."

FÉLIX NETO DA SILVA FERREIRA

"Só que não foi assim, a GETAT tomou de conta, botou os agrimensores, os ricos foram entrando e os pobres foram saindo. Cortou o patrimônio, são 40 e poucos alqueires, é a área do município.

Eu morei 9 anos na beira do rio Murici aqui em baixo, minha esposa, os filhos, aí na abertura da Boa Sorte botou todo mundo para fora, é a empresa que tinha em Araguaína do Benedito Boa Sorte, ele era senador, mandava na Araguaína toda. Aí ele fez despejo dos Piauí, era uma família grande, naquele tempo chamava posseiro, aí nós para não ser despejado, minha esposa e os filhos, peguemos uma canoinha pusemos a mudança dentro e viemos embora para cá. Que aquele despejo era mandado por eles, botava num caminhão e soltava lá em Araguaína, em qualquer lugar.

Foram tirando a madeira, levando estrada para dentro, dizendo que só queria a madeira e foram iludindo os posseiros, naquele tempo o povo não tinha estudo, não tinha explicação nenhuma, e aí os portador avisou çes corre de lá que a policia vai tirar vocês de lá, saímos de lá no dia seguinte a polícia levou tudo mundo para o Tronco, despejou lá, foi em 1977. Tinha os Capixaba, tinha muitas famílias do lado da Boa Sorte. Hoje o lote 16 está transformado em assentamento, assentamento Mata Azul, os posseiros invadiram de novo, foi o tempo que ele morreu, aí não teve mais jeito, veio a nova lei para proteger o pobre, aí o INCRA cortou, o território fica do lado de cá ela fica do outro lado do rio Murici.

Naquela época tinha muito mogno e os fazendeiros começou a grilar por causa da madeira, e com aqueles mogno, pau brasil, taúba, madeiras de lei e foram expulsando os posseiros. O murici foi um rio muito rico de mata e madeira de lei, hoje está tudo explorado devorado acabou as madeiras até o meio ambiente que deveria ser zelado não tem.

Tem o caso do Manoel Lopes, que enfrentou, mas não conseguiu, foi despejado, esse homem era daqui da comunidade. Ele trabalhava na beira do rio Murici, perto de uma fazenda chamada Volta Grande, onde tem uma curva do rio. Os morador antigos de lá era o velho Adel, pai do Adilá, para cima dessa volta grande morava o Manoel Lopes, o Jerry Adriano disse que essa volta grande era dele, um grande fazendeiro que tinha aí, aí ele laçou isso tudo, a volta grande com a terra do Manoel Lopes, que era um sítio maravilhoso, tinha de tudo, e ele lutou por essa terra toda vida e não conseguiu. O Jerry Adriano botou outro fazendeiro, vizinho dele, para comprar do Manoel Lopes, veja o laço, Manoel Lopes enlouqueceu, foi para o garimpo.

Os fazendeiros foram impressando aqueles que não venderam o seu direito de roça, poucos tem terra hoje, os filhos do João Paulino, o João do Eliseu. Os fazendeiros chegaram entre 64 e 65, eles compravam 100 alqueires e grilavam ao redor, e ia botando os posseiros para fora.

A dona Juscelina foi expulsa, quando eles chegaram com o documento da terra, o João Isídio, a família da dona Juscelina estava na terra, pai, marido irmãos era onde eles trabalhavam, ele mandou sair, pegaram as coisinhas que tinham lá, a produção eles compraram, e eles saíram vieram embora e se instalaram perto do trevo, da ponte pelo lado de cá, a dona Juscelina contava essa história eles foram expulsos do território." **CONCEIÇÃO VIANA DA SILVA, DADÁ**

"Aqui em Muricilândia tinha pessoas que não gostava de morar em rua, era um povoado as pessoas iam caçar um lugar mais afastado, chamava de Centro, ia morar naquele centro lá, na beira do rio, no pé da serra. E quando o Estado chega para cortar, ele vem com essa dinâmica, ele fala nós estamos aqui, o governo está cortando em glebas de 103 alqueiro, como a pessoa ia aceitar ficar na terra para comprar 103 alqueires se ele não tinha condição de comprar 2 alqueires. Então o Estado vai te dar 6 alqueires cortava e dava para ele, acontece que esse 6 alqueires ficava dentro de um lote de 103 alqueires, para o dono do lote de 103 alqueires é um empecilho dentro da terra dele um posseiro lá, e ia fazer jeito de comprar aquela terra. Isso levava muitas pessoas a vender, e foi saindo as pessoas que já morava no lugar, e os fazendeiros foi tomando de conta, outras vezes despejava as pessoas, e foi acontecendo essas coisas, quem fez isso foi o governo de Goiás.

Com abrir a Belém-Brasília aqueles fazendeiros do sul migraram para cá e fizeram isso, quando o governo cortou, como era um povoado ele tirou um patrimônio, grande de 40 e poucos alqueires. As pessoas que tinham o Centro dentro dessa área ficaram e mais tarde o governo mandou lotear o patrimônio, as pessoas que já moravam lá tiraram um pedacinho. Teve pessoas que tirou 2 alqueires, a terra era pequena, muita gente, é onde eu estou localizado, consegui 4 alqueires e 70 litros. Eles tiraram o patrimônio pequenininho, ao redor das casas e lotearam o resto para quem estava morando lá, que tinha serviço na área.

Depois que saia o título de 6 alqueires eles pagavam e o fazendeiro pegava os 103 alqueires. Muitos deles compravam a terra lá em Goiânia sem nunca ter pisado na terra depois vinha de avião e sobrevoava a área, vieram assim paulistas. As vezes a fazenda é grande, mas o título da terra é só um pedaço, foi grilado.

Começou a mudar no fim da década de 60 e começo da década de 70, quando foi cortada as terras, a terra para trabalhar ficou mais restrita, e aí foi ficando mais difícil, com a entrada dos fazendeiros, muitos deixavam de botar roça para trabalhar para os fazendeiros, fazer derrubada, cerca, aí pegaram a mania de ganhar dinheiro trabalhando para os fazendeiros, muitas pessoas tinham dificuldade de trabalhar com roça e iam trabalhar com os fazendeiros, aí mudou certamente o tipo de produção.

Quando fala de Muricilândia, depois fala de Cocalândia, a gente acha que Muricilândia de cá e Cocalândia de lá e não tinha nada nesse intermédio no meio, por exemplo, nós saindo de Muricilândia pelo rio, tinha a morada da véia Luzia, depois a gente subia a carreira comprida no rio, no final da carreira comprida tinha a barra do córgo do Lorentino, realmente chamava de córgo do Lorentino porque ele morava lá na barra, hoje é realmente ali pelo Duarte, Tibiriçá, o Santim nesse meio aí. Então depois do Lorentino, na beira do rio tinha outra morada que era do Marciano e hoje é do Valtênis, lá tinha engenho. Inclusive nós tirava ripa de açai pra colocar telha nas casa, onde tinha mais açai, ali na barra do córgo do Lorentino, ali no rumo do Tibiriçá, naquela subida pra lá, então aquela área lá sempre tinha açai."

MANOEL PEREIRA BORGES, CONHECIDO COMO DOS SANTOS

"Eles mandavam demarcar tudo, houve muitas desordens naquele tempo, ninguém não sabe, nem pensa o tanto de gente que foi embora naquele tempo, porque ou saia ou morria, mandava pronto. O povo foi obrigado a sair e voltar tudo para a cidade, eles eram da cidade, vieram para a mata, aí os ricos tomaram conta aí teve que voltar de novo para a cidade, a violência acaba com tudo.

Era só mogno, nós não sabia que madeira era, depois veio os invasores meteram estrada dentro da mata roubando, os fazendeiros já tinham comprado tudo, mas os invasores chegaram entraram meteram o motoserra e derrubaram aquela madeira todinha e carregaram.

Ninguém queria não, para que eu quero terra, a terra é de Deus, falava só isso, ninguém interessava, nós podia tirar terra e descontar no nosso salário que tava ganhando, tudo servia, mas ninguém pensava isso não, pensava que era loucura deles medir um mundo de chão desses. Nós trabalhava para os agrimensores, eles pegavam o serviço lá em Goiânia do dono da terra, ele lá mostrava o mapa da terra, 300, 400 alqueires. E o cara vinha de lá, chegava em Araguaína, pegava gente no Murici, nós entrava para a mata, não tinha maldade não, ninguém nem pensava que estava sendo atraído lá de Goiânia não.

E eles nem interessava tirar terra para pobre, que pobre só queria 5 alqueires, 10 alqueires e não interessava não, tirava logo uma fazendona, 2, 3 mil alqueires, eram agrimensores particular, já tinha estrada de carro daqui para Araguaína feita braçal, ainda era município de Filadélfia." **JOÃO PEREIRA DOS SANTOS**

"Veio tudo do nordeste, região do Piauí e Maranhão, esse povo já vinha fugindo de lá, porque vivia com dificuldade lá, seca, fome, falta de terra para plantar, chegam aqui, quando aparece os fazendeiros, o IDAGO o GETAT, aparecem com documento e dizem aqui é meu, ou eles tentam resistir e depois recuam, ou eles entregam para o fazendeiro, quem fazia o preço era o fazendeiro, e vinha para o povoado, era uma vilazinha, mas tinha um centro, vinham para cá e ia aumentando os bolsões aqui.

Entre 68 e 69 quem estava no seu pedaço de terra, já estava perdendo as terras, é quando começa a aparecer os títulos do IDAGO, e aí seu Domingo Pedro mais a irmã dele dona Duca, são dois exemplos, eles estavam aqui para cima, chega uns fazendeiros de Goiás com um documento e começa a encurralar eles. Eles resistiram, a pressão foi grande, eles recuaram, ficaram só com um pedacinho do que era antes, o fazendeiro tomou uma parte, depois se desgostou, vendeu e foi para o Pará. Dona Duca, o marido morreu, eles tomaram o território deles, ficou só uma coisinha.

Eles se situaram aqui em 1952 e estavam em movimento no território, quando chega os fazendeiros, então os moradores param o processo de ocupação das terras que estavam desocupadas, e começa um retrocesso, começam a perder e sofrer a pressão de fora, dos fazendeiros. Esse pessoal que estava aqui, os que chegaram na década de 1950 era um empecilho para o Estado.

No projeto do governo federal e do governo de Goiás para essa região não cabia esse povo aqui, eles estavam aqui como intrusos, e representavam um atraso para o projeto de expansão e colonização e implantação principalmente da pecuária, essa região foi usada para isso, esse povo aqui não servia, eles foram encurralados dessa forma, muitos deles tiveram que vender suas terras para os fazendeiros a preço de banana e outros foram expulsos do local onde moravam e trabalhavam.

Os poucos que ficaram na década de 70, no início da década de 80 acabou de liquidar o resto, os grandes fazendeiros vieram com outros projetos, chegavam com um documento na mão dizendo que as terras eram deles e não deram chance para ninguém, vieram pecuaristas de renome nacional, poderosíssimos. Eles chegaram aqui com uma dinâmica de atuação que não tinha a menor possibilidade de ninguém ficar com a terra, o Estado, eles impõe glebas de 103 alqueires, se você quer terra você tem que comprar um lote de 103 alqueires, não tinham dinheiro para comprar 2 alqueires, ia compra 103, na década de 60, só quem tinha esse dinheiro era quem já era rico e recebeu do Estado, aí ficou muito difícil para os moradores daqui, que eram na grande maioria muito pobres, não tinham como comprar. Entendo que o Estado fez isso para que os moradores, na maioria romeiros, desocupassem as terras e deixassem elas livres para o grande capital, era comum chegar caminhão do exército aqui para executar ações, o povo tinha medo." **MANOEL FILHO BORGES**

"Nós morava lá, várias famílias, perto do pé da serra, nas proximidades do primeiro tope da subida, um dia chegou um cidadão, chegou com outras pessoas e mostrou um documento que era o proprietário das terras, chegou num helicóptero, ainda era Estado de Goiás. Aí nós tinha que sair de lá, uns foi para Aragominas, outros foi para cá, saiu todo mundo dessa terra. Tinha a dona Aldena, minha tia, seu Graciliano, dona Maria Matos, seu Vicente Quirino, e várias outras pessoas, meu pai, minha mãe, nós era tudo menino, tinha vindo de Araguaína para cá. Tinha fartura, os pé de fava subia nas palmeiras, banana de várias espécies, najá, casca verde, roxa, tudo tinha lá nessa terra. Quando chegamos para cá já tinha parente do meu pai nessa terra, mandou avisar nós em Araguaína que aqui era terra boa, passamos uns 3 anos lá, era na era de 68, 69, quando foi em 72 viemos para Muricilandia, tinha muita fartura, muita caça, naquele tempo sustentava as famílias era assim, lavoura."

JOSÉ MARIA FERREIRA DOS SANTOS

"Antes dos fazendeiros chegarem todo fundador tinha sua terra, e vivia da terra, quando os fazendeiros chegaram nós tivemos grilos aqui que foi parar no presidente Figueiredo. O Manoel Lopes, como o cidadão que ele estava lutando naquele tempo era um dos mais ricos do Estado de Goiás, o Jerry Adriano, infelizmente ele perdeu, e não só ele, vários outros. O grande fazendeiro ia lá no IDAGO, em Goiás e arrendava essa terra, e vinha para cá com esse título da terra, acontece que a terra estava ocupada, tinha posseiro, mas naquele tempo jamais um posseiro ganhava de um fazendeiro desses. Depois que a gente soube que muitas dessas coisas era chamada lote em branco, no tempo dos nossos pais você pagava uma foice, tirava uma gleba de terra e era sua, naquele tempo tinha muita pistolagem, teve muita tragédia aqui, teve morte de muito posseiro. Infelizmente que seguiu as terras foram apenas três famílias das originais."

FRANCISCO DE PAULA PEREIRA DE SOUSA, PAULO PEREIRA DE SOUSA

"As roças de primeiro era nas terras do pai, acho que hoje é do Mauro Hercules até lá no Santim, e tinha um alqueire que era do João Paulino, lá nós plantava muito arroz, depois vendeu, mas é pressão, compra tudo, cerca tudo ao redor, aí fica sem jeito, que fazendeiro não quer deixar ninguém por dentro das terras deles, aí foi obrigado a vender e ficamos sem nada. Ficamos plantando nas roças dos outros, nas chácaras dos outros, meu pai plantou muito no João Paulino, no Ciçu da Carmosina."

ALCIDES RIBEIRO DA SILVA



OS
QUILOMBOLAS
DA COMUNIDADE
DONA JUSCELINA

MANOVANES BORGES

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS

PAULO PEREIRA DE SOUSA

MANOEL FILHO BORGES

MARIA DO AMPARO SILVA

DANIEL PEREIRA DOS SANTOS

JOÃO FILHO PEREIRA DOS SANTOS

LUDMILA CARVALHO DOS SANTOS

ALCIDES RIBEIRO DA SILVA

ALCIDES RIBEIRO DOS SANTOS

"Até encostá naquele colégio, pega estrada do Jaceone, faz divisa com o Jaceone, com o Martins, Antônio Bueno, tenho 3 pastos formados. Eu mais o João Paulino doamos a área para fazer o coleginho, não fez falta, a terra é nossa, a terra ninguém leva, tira um pedacinho, Deus dá outro, doei para a escola, o João Paulinho tinha mandado fazer aquele colégio, agora o prefeito mandou fazer aquele outro e tem muito chão para os meninos brincar ainda.

Nós tem umas cabecinhas de gado, tira leite para as despesas, o Piauí, o vaqueiro ainda vende um litrinho, da parte dele, ele faz o que quer. Tenho 3 animais, uma besta que nós chama égua, uma podra e um cavalo, tenho galinha caipira, não tenho mais roça, estamos zelando do que já fizemos, não tenho mais terra de trabalho, a terra é pequena, 12 alqueire.

Ela está em problema porque nós nunca vimos o título dessa terra, tem muitos que não vimos o título, nós paga todos os anos os impostos, um monte de impostos eu pago, mas o governo nunca teve condição de mandar o título dessa terra para nós. Tem eu, o Graceone, Antônio Bueno, vai muito longe, tudo não tem título essa parte de terra aqui, antigamente a gente chamava nosso patrimônio, patrimônio de 80 alqueires, ficou só aquele patrimoniozinho no Murici, muito pequeno. Cada tempo que vem eles tiram uma beirada para inteirar as terra dos grandes."

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS

"Quando eu tinha 13 anos de idade, o meu irmão mais velho do que eu que mexia com gado, aí ele foi para o seminário eu assumi essa atividade, na medida que o tempo foi passando as coisas foi melhorando, começamos a utilizar novas tecnologias, passou a melhorar o modo que nós criava o gado, as divisões do pasto. Quando ele retornou do seminário veio com ideias novas, voltou a ajudar na chácara, na criação, ele lecionava mas ao mesmo tempo ele estava junto ajudando a administrar. Aí foi uma época que meu pai já idoso resolveu passar essa responsabilidade para nós dois, eu e o Demerval, e de lá para cá, já tem, bastante tempo que a gente vem com essa atividade.

Nesse período, quando ele saiu eu tinha 13 anos, quando tinha 18 anos conclui o ensino médio, logo surgiu o curso de pedagogia aqui na cidade, aí dividi o tempo, continuei trabalhando na chácara, tirando o leitinho, trazia vendia na cidade e fiz esse curso de pedagogia, 3 anos, foi corrido, consegui fazer o curso, mas sempre trabalhando com pecuária, com gado. De lá para cá a gente vem com esse mesmo objetivo, sempre trabalhando na chácara, na medida que o tempo passou a gente foi fazendo alguns investimentos, melhorando a qualidade do plantel, na condição da gente, e aos poucos houve uma melhora na condição financeira bem significativa. Nunca passou na nossa mente dispor das terras, quando pai não deu conta mais nós assumimos a responsabilidade e vem até os dias de hoje.

A cada ano que passa a gente melhora, a gente usa novas técnicas para produção, antigamente a gente utilizava um pasto só, o gado corria a terra toda e a gente notava que em pouco tempo eles comiam e faltava alimento para o gado. Analisando outros produtores da região veio a ideia de fazer divisões do pasto, pastos menores, melhorou o manejo do gado, a produção aumentou e a gente percebeu que melhorou bastante.

Atualmente o meu irmão, que é um cara visionário, ele apresentou para nós a ideia de silagem, plantar capim próprio para fazer silagem, agora fizemos o plantio do capim na chácara, fizemos a colheita, agora mesmo estamos agora utilizando a silagem. Uma coisa que até então não utilizava e na região pouca gente utiliza essa técnica que é bastante comum lá para o sul, na nossa região a gente ainda está muito atrasado com as técnicas de manejo rural. Estamos começando agora, vimos que dá certo e possivelmente vamos continuar com essas melhorias.

Procuramos fazer a seleção do gado, os animais de pequeno porte a gente procura tirar, fazer uma seleção, utiliza touros de melhor qualidade genética para consequentemente melhorar o plantel a gente percebe que houve uma evolução, já nasce bezerros melhores. Antigamente o forte era utilizar boi cruzado, é um boi para dar leite, as bezerras já tem procedência leiteira, atualmente estamos optando pelo boi Tabapuã, o reprodutor, e as vacas cruzadas, de procedência leiteira. Mas que não são puras, aí com isso nasce os bezerros bem desenvolvidos, os machos são fáceis de vender, procura muito grande e as fêmeas consegue utilizar para matrizes leiteiras, não são de primeira, mas dá leite.

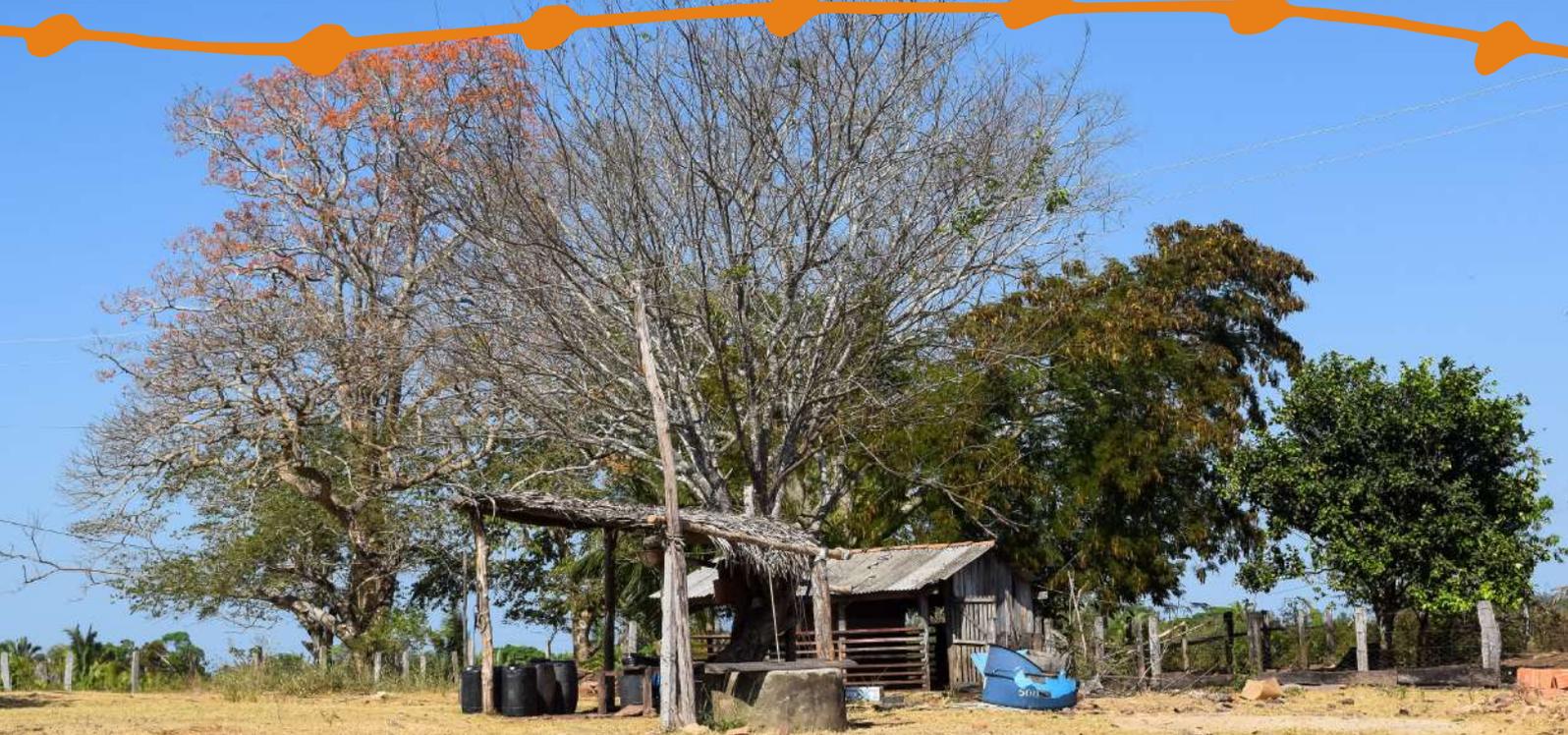
Aqui na região a gente utiliza muito para fornecer para as pessoas, faz um contrato de leite, combina o preço, nessa época do ano, na seca, estamos tirando 40 litros, mas na época das chuvas que melhora as pastagens aumenta para 70, 80 litros. Agora mesmo como a procura está muito grande a gente procura vender apenas para os contratos, então todo dia tira o leite, chega em casa separa em garrafas pet e sai distribuindo nas casas das pessoas. Praticamente o leite é todo de contrato, no final do mês faz o acerto com as pessoas."

MANOVANES BORGES





CHÁCARA DO SENHOR DOS SANTOS



FAZENDA PEDRA BRANCA, FAMÍLIA DO SENHOR JOÃO PAULINO



"Graças a Deus e aos nossos pais, tiveram esse olhar e investiram em nós na questão da educação, na formação intelectual, aí nós conseguimos ingressar num concurso público. E temos nossas terras, mas devido a burocracia e a falta de apoio de políticas públicas para essa área, à medida que o governo abre uma linha de crédito, mas os juros são exorbitantes, e a gente não consegue acessar. Nós não temos nosso território delimitado e oficializado, a gente cai nessa linha de crédito comum, os próprios técnicos falam, esse juros vocês tem que ver se compensa. A gente tira dos nossos salários para jogar lá para manter a propriedade ativa e conseguir produzir. Nós não temos apoio como quilombola nessas áreas em investimento e agricultura, não temos incentivo do governo federal, do estadual e municipal, a gente toca praticamente por conta.

Aqui na propriedade, na fazenda Pedra Branca, graças a Deus temos lutado muito para preservar e multiplicar aquilo que nosso pai deixou. Temos umas cabecinhas de gado, temos criação de porcos presos, temos cavalos, éguas, galinhas, criação de ovelhas, uma bananal, um mini sítio com limão e laranja e estamos tentando manter e expandir esses bens e animais na medida do possível."

PAULO PEREIRA DE SOUSA

"Eu tive uma passagem pelo seminário menor como seminarista, no seminário diocesano Leão XIII em Tocantinópolis, quando eu saio me formo em história, entro na vida política, assumo cargos na vida pública, como secretário e depois como vereador. Depois como chefe de divisão, depois assumo novamente a secretaria da educação, em 2017 e fico até 2019, e atualmente continuo como professor. Estou licenciado porque estou fazendo um mestrado pelo programa de Pós-graduação em Estudo de Cultura, Território e Interdisciplinaridade, pela UFT/Campus de Araguaína, já estou na fase de qualificação, depois vem a defesa da dissertação, depois retornar para a sala de aula como professor, trabalhando a disciplina de história.



Sempre a minha atuação foi muito próxima da cultura tradicional da cultura de base, ajudei a criar o núcleo de direitos humanos aqui, era uma célula do Centro de Direitos Humanos de Araguaína, esse núcleo ficou ativo muitos anos. Quando desarticula o Centro de Direitos Humanos também desarticula o núcleo, agora estamos no trabalho de retomada do Núcleo de Direitos Humanos de Muricilândia.

A minha atuação sempre foi próxima da massa, sempre trabalhei, o que me realiza como ser humano é estar próximo das pessoas mais humildes, talvez tenha sido isso que fez a aproximação com a dona Juscelina por aquilo que ela fazia.

Hoje eu estou presidente da comunidade quilombola dona Juscelina, apesar de ter tido um papel na origem na fundação da comunidade, mas eu nunca ocupei cargo na diretoria da comunidade. Eu sempre ajudava organizar, mas eu ficava lá num cargo, conselheiro cultural coisa assim, quando dona Juscelina se candidatou agora por último aí eu compus com ela a chapa, ela candidata a presidente e eu a vice porque estávamos vivendo no momento uma certa turbulência interna na comunidade .

Tomamos posse em fevereiro e em julho ela vem a falecer, então por consequência do falecimento de dona Juscelina eu passei a ocupar cargo de presidente da comunidade de acordo com o que rege o estatuto. A gente faz isso com muita responsabilidade, porque a responsabilidade que recaiu sobre mim e toda a comunidade é muito grande, porque a dona Juscelina já tinha o seu espaço conquistado, a liderança dela já estava consolidada. E o que nós hoje como presidente, como representante da comunidade, a responsabilidade recai no sentido que a gente não pode retroagir os passos, tem que ser sempre para a frente, no sentido de fortalecer aquilo que se ela estivesse viva ela faria.

Esse dia eu estava conversando com uma pessoa e ela perguntou como é que vai ser agora, falei, não gente não tem o que ter medo o projeto de gestão de dona Juscelina já estava montado e nós fazemos parte dele, então vamos dar continuidade a esse projeto. Nós não podemos começar um outro projeto deixando de lado o que ela tinha projetado, o que todo mundo junto pela liderança dela tinha construído. Então vamos dar continuidade, fica muito mais fácil, e é uma maneira de fazer memória a dona Juscelina, por tudo que ela fez e representou para a comunidade, eu falo sempre que a nossa missão é manter viva a memória da dona Juscelina na comunidade.

O projeto da associação hoje é, o projeto da dona Juscelina que vamos dando continuidade, é unir as pessoas da comunidade, unificar as ideias, aproximar as pessoas e isso a dona Juscelina conseguiu avançar bastante nesse período que ela ficou. A dona Juscelina sempre se preocupou com a sucessão, a continuidade da comunidade, por isso ela sempre investiu muito em lideranças jovens, em preparar os jovens para que no futuro pudessem ocupar esses cargos na comunidade.

Esse é um projeto da comunidade, dar continuidade a formação de jovens, a partir do momento que eles vão vendo essa necessidade através da identificação que eles vão construindo e fortalecendo dentro de si, as lideranças vão surgindo. Há uns anos atrás teríamos muita dificuldade em ter um jovem que fosse representar a comunidade em algum espaço, mesmo dentro da universidade tem vários quilombolas estudando, mas você teria dificuldade que um deles fosse fazer uma fala em defesa da comunidade. Hoje isso não é mais problema a comunidade tem muitos jovens que fazem esse trabalho, tanto dentro como fora da comunidade, é um projeto que ela tinha em mente e que tem continuidade.

Outros projetos, a comunidade não tem um espaço físico a sede era a casa da dona Juscelina, a comunidade tem uma área hoje, já iniciou a construção do muro, mas a sede definitiva como assembleia aprovou, se Deus quiser vamos construir, é um espaço grande onde possa ser realizada grandes reuniões e outros eventos. Quando a dona Juscelina faleceu a casa dela não ficou para a associação, ficou para os herdeiros, a casa foi posta à venda, tinha muita gente querendo comprar a casa, mas era pra derrubar e construir outra casa de moradia, então eu e a Ludimila que é uma jovem liderança da comunidade, estávamos em casa e conversamos sobre o destino da casa de dona Juscelina, se fosse vendida pra outras pessoas ela ia ser demolida e a demolição da casa significava a destruição de um símbolo e de parte da memória da comunidade.



Era o sonho de dona Juscelina pisar no território de sua comunidade e vê seus quilombolas morando, plantando, colhendo, mas não foi possível. Agora a comunidade vai continuar buscando junto ao INCRA o seu território. Quando a Comunidade Quilombola Dona Juscelina receber o território ancestral você vai ver como tudo vai melhorar para a comunidade e para os quilombolas. A comunidade protocolou um ofício no INCRA em 2010, pedindo o nosso território ancestral. Vamos continuar lutando pelo nosso território, até a comunidade conseguir."

MANOEL FILHO BORGES

"Eu sou jovem quilombola do quilombo Dona Juscelina, e nesse momento de luta pela demarcação do nosso território e também de muita dor pela partida de muitos dos nossos mais velhos e é um momento onde a juventude precisa se posicionar.

Exatamente porque é o futuro de nossa comunidade, eu estou fazendo direito comecei a um semestre atrás, exatamente para contribuir e trabalhar em prol do meu povo, da minha comunidade. A decisão de fazer direito foi feita na casa da dona Juscelina, ela uma vez me perguntou qual o curso que eu queria fazer, aí eu falei vários inclusive direito, e aí ela falou, nós precisamos urgente de alguém que trabalhe com a lei, então está decidido vou fazer direito. Então essa decisão que saiu de lá, e com a falta dela, é algo que para mim vou levar para a vida toda, em honra da memória da dona Juscelina.

E fazer a vontade dela, principalmente é a vontade dela, a vontade do povo, a urgência que ela trazia na questão de ter alguém que trabalhasse com a lei, como ela própria disse, que vem da juventude dela, das lideranças formadas por ela, pelos Griôs e por toda comunidade. Então assim, a juventude hoje a gente vê que é uma juventude em constante progresso e um processo de formação voltado principalmente para o nosso povo.

Nós temos dezenas de jovens que concluíram o ensino superior através das universidades federais, através das políticas públicas voltadas para a nossa gente, é algo há pouco tempo atrás impossível na mentalidade de muitos dos nossos jovens. Mas algo que a gente já está tendo resultados e também muitos cursando nas universidades federais principalmente próximas as comunidades, aquela questão de permanecer dentro do próprio território.

E esse território que é feito por gente, feito por história, memória, é o território ancestral que nos remete a vida, a esperança e a perpetuação da nossa história. Acho que para a juventude o melhor conceito de território é esse, a gente retornando para as nossas terras, onde os nossos avôs, os nossos Griôs, os nossos mais velhos, um dia puseram roça, um dia chegaram, e utilizaram daquela terra.

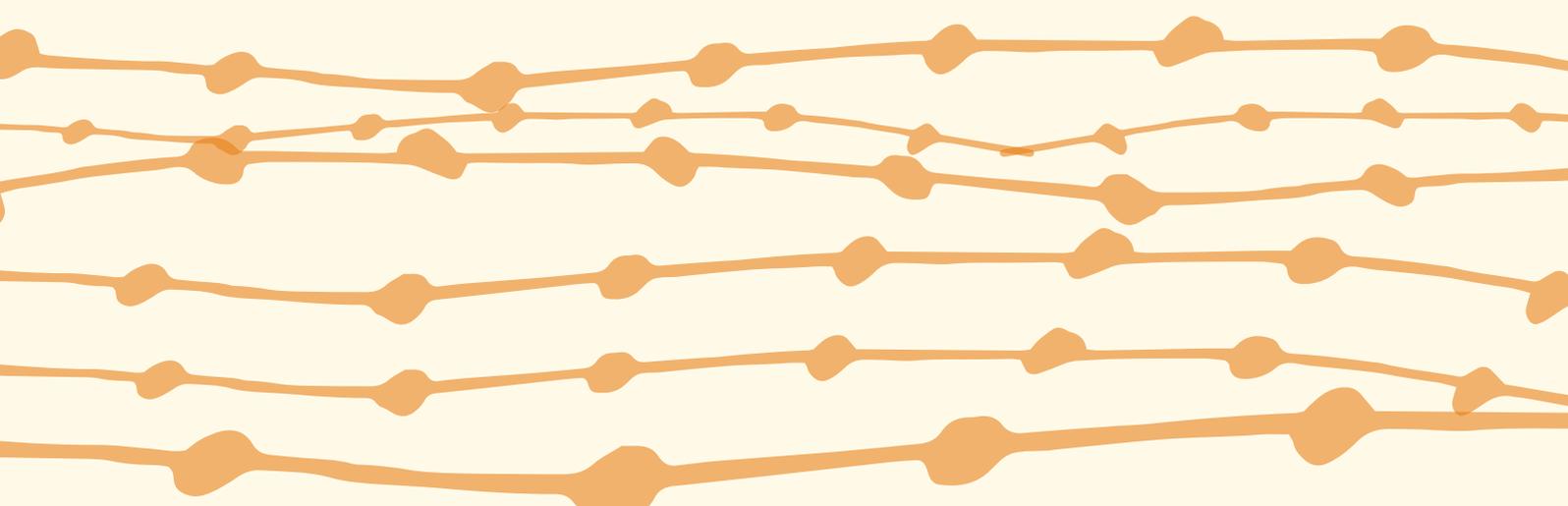
E que esses conhecimentos estão sendo repassados para nossa juventude, é a certeza da continuação da nossa história, então a juventude está totalmente engajada e comprometida com as causas defendidas pelos nossos mais velhos. Principalmente pelo nosso conselho de Griôs que é a força que emana toda a história, toda a memória, todo o legado do quilombo dona Juscelina.

Então assim, a juventude vem caminhando juntamente com os Griôs e é necessário que haja um processo também de formação de lideranças jovens, para que essa história permaneça e continue através dos ensinamentos deixados e ensinados na medida do tempo e dos fazeres e saberes ancestrais e tradicionais. Hoje na comunidade temos institucionalizado no último estatuto registrado o conselho de Griôs Aprendizes, que é o conselho de juventude, então assim, é um avanço. Nós precisamos da juventude organizada e conselheiros responsáveis para um determinado papel dentro da comunidade. Papel esse de principalmente levar adiante a história, que é o papel da juventude, e embasados e guiados por todos nossos antepassados, por toda história que nos cerca.

A gente tem tentado levar adiante, então assim é muito necessário essa questão de formação, porque é um direito, uma luta, garantidos precisamos ocupar os espaços. Principalmente os espaços institucionais, os espaços onde as vezes dizem a nós que não nos cabem, mas todo espaço é legítimo e deve ser ocupado pela juventude quilombola, inclusive do quilombo Dona Juscelina .

Também é um processo de trazer a juventude para perto dessas manifestações realizadas pela comunidade, e algo que na medida do tempo a gente tem conseguido alguns avanços. A juventude tem se aproximado através de um espaço impar de transmissão de saber que é o encontro de Griôs, um espaço de aprendizado onde se traz o conhecimento dos mais velhos dos nossos Griôs para a juventude.

Dentre esses conhecimentos, há a questão da romaria, das penitências, dos benditos rezados, de toda a estrutura das manifestações. Inclusive as festividades, que aí temos o festejo da abolição, que é um marco forte, e a presença da juventude é efetiva desde a organização a realização. O próprio seminário que é de responsabilidade da juventude, até os pormenores, o posterior, o depois, o abrilhantar da festa, a participação da juventude é efetiva nesses espaços. Então a gente vê que há um avanço notório e significativo no quilombo Dona Juscelina da juventude nesses espaços.



Então ficou muito marcado na minha vida a dona Juscelina, levarei comigo para a vida inteira e foi uma pessoa incrível, singular, comprometida com a juventude em especial, com os nossos mais velhos e principalmente com a continuação da história do nosso povo. Dona Juscelina infelizmente não alcançou o tão sonhado retorno ao nosso território, e exatamente por responsabilidade de um desgoverno brutal e terrível com os nossos povos tradicionais com nossos mais velhos e com nosso povo.

Então assim, pela memória, pelo legado de dona Juscelina e de tantos outros que tombaram na medida da história no decorrer do tempo é necessário que a luta permaneça e continue em prol do retorno as nossas terras tradicionais, ancestrais e também de nossa origem da nossa história."

LUDIMILA CARVALHO DOS SANTOS



"Eu trabalho ultimamente no saneamento de água, já trabalhei de agente de saúde, funcionário público, em 1999 tinha 480 ligações, hoje está chegando a 1000, muitas construções novas, tem desenvolvido muito. Sou funcionário do Estado desde 2013, antigamente era empresa privada aí entregaram para o Estado.

Trabalhei na cerâmica até 1988, trabalhei desde menino, saí uma época, fui para o garimpo, ser aventureiro, depois retornei para a cerâmica, olaria, aí em 1998, 1999 arranjei serviço público, trabalhava só final de semana, meu pai trabalhava aqui, minha mãe fazia os potes, meus irmãos, fazia tijolo e telha, e vendia para a comunidade, a comunidade sempre comprou muito, nos ajudou muito."

JOSÉ MARIA FERREIRA DOS SANTOS





"Meu nome é Gledilson Pereira dos Santos, sou concursado como técnico em informática, já há 11 anos na prefeitura de Muricilândia, a gente tem cursos profissionalizantes, em informática e várias outras qualificações, e na área acadêmica eu sou formado em analista de sistemas. Trabalhei muito tempo fora, nessa área, trouxe o conhecimento para Muricilândia, e hoje eu trabalho mais com TI, a área é muito carente, eu fui o primeiro a chegar aqui e montar uma escola profissionalizante, trabalho com vendas também, toda a parte de informática, impressora, monitores, nobreak, notebook. Eu como profissional de TI tenho mais de 20 anos de trabalho.

A escola qualifica, já temos 8 anos de escola aqui em Muricilândia, chama GPS Informática, lá em Santa Fé eu coloquei a segunda franquia lá, chamava Qualifica Santa Fé, só que veio a pandemia a gente teve que fechar, tinha toda uma despesa e manter o negócio fechado não tem como.

Hoje temos aqui um prédio, o prédio é nosso, em Muricilândia a gente já qualificou mais de 90 pessoas nesses 8 anos. A gente sabe que as dificuldades são grandes, a renda é pouca, ou o pessoal come ou veste, não dá para ficar luxando, mas muitos pais, muitos jovens buscam o conhecimento aqui. A gente tem toda uma paciência, um conhecimento para repassar, já formei jovens, pais, mães de família, avós, bisavós, então é muito bom.

Muito gratificante quando você chega na cidade e fora da cidade, tem cidades vizinhas que o povo vem se qualificar aqui, chega em algum lugar e o pessoal, bom dia professor, como é que você está, isso é gratificante. Ter saído de Muricilândia muito novo, tinha uns 13 anos, não é fácil viver lá fora, ter ido buscar o conhecimento, quando sai daqui sai cru, não tinha a tecnologia que tem hoje, a facilidade hoje é grande, antigamente até um celular era difícil de ter aqui. Meu sonho era voltar e investir na minha cidade, hoje estou alcançando meu sonho aqui, investindo na minha cidade.

Já tivemos uma iniciativa para incentivar, fomentar o agronegócio local, porque Muricilândia é muito carente, temos as terras ricas mas nós não produzimos, o dos Santos lembra o tanto de cacau, laranja, mamão que existia nesses quintais, e não era plantado, nascia, jogava um caroço aqui outro acolá. Nós criamos dentro da comunidade uma feira para ajudar na economia das famílias, vender saúde, um produto sem agrotóxico, foi criada em frente a dona Juscelina, e tava muito bom. Mas tudo precisa de incentivo, apoio, como não existe apoio, não só por parte do poder público, a comunidade tem que ver que a união, a gente unido, tem os que produzem, os que consomem.

A feira não é só uma feira, é um encontro das pessoas mais velhas, as pessoas iam lá, sentavam, tomavam um café, conversavam, a gente precisa resgatar isso, precisamos dar continuidade, além de estarmos trabalhando com um produto de qualidade, estamos se alimentando bem, estamos melhorando a vida financeira das famílias, o que vender é lucro.

Tem muitos quilombolas que tem terra, hoje o pessoal que tem as hortas locais são quilombolas, precisamos aumentar e trabalhar dentro da comunidade, temos parcerias com as faculdades para trazer um profissional para capacitar mais essas pessoas. Temos as faculdades, muitos universitários, precisamos aqui de um técnico agrônomo, tem uma pessoa de Muricilândia fazendo, a pessoa já me procurou, doou umas sementes, já veio até ver se eu já tinha plantado, ele quer ir lá acompanhar, então é muito bom isso daí.

Na chácara eu produzo o açaí, daqui alguns dias o maracujá e a graviola gigante para fazer a polpa e também estou fazendo as cestas. Eu costumo dizer o que é bom para Muricilândia é bom para mim e para minha família, para a comunidade melhor ainda, estou disposto a correr atrás novamente de quem produz, tem que ir, visitar, trazer essas pessoas.

A feira começava as 6 horas da manhã ia até as 11h, estava tão bom que as vezes chegava as 7h da manhã as 9h já tinha vendido tudo, não produz quantidade, tem como entregar no mercado, levar para a feira, e vender para fora, precisa botar na cabeça isso, mas para isso precisa de incentivo do poder público, parceria com a universidade e ter um profissional para acompanhar. Tendo a feira da comunidade, precisamos trazer principalmente os quilombolas, mas a gente quer abrir espaço para todo mundo, porque a feira não é só produto alimentício, tem calçado, tem roupa, tem artesanato, comida. A ideia da feira é assim, a comunidade ter sua própria barraca para expor artesanato, camiseta, comida, panelada, buchada, porque muita gente gostava de ir para lá sentar comer precisamos resgatar isso.

Essa feira durou uns 3 meses, o projeto da feira está aí, vamos resgatar, vamos correr atrás, vamos fortalecer. Eu ainda era menino eu via os mutirões para limpar as ruas, queremos resgatar o passado que era a união. Colocar durante a feira apresentações, dança, teatro, palestras, voltado a comunidade, quando fazia a feira sempre trazia uma atração, um artista local, um locutor para animar. A gente não queria só a feira em si, queremos mostrar o que a comunidade tem, artesanato, teatro, dança, capoeira, durante a feira, o dia que um acadêmico quiser mostrar o seu trabalho, muitos acadêmicos fizeram trabalho em cima da comunidade, da cultura nossa."



GLEDILSON PEREIRA DOS SANTOS

"É muito bom eu falar que sou quilombola, que sou negro, da nossa comunidade de Muricilândia, eu tenho orgulho de falar que sou de Muricilândia do Tocantins, é uma mistura de povos, eu também sou Macuxi, o que faz que a cultura seja mais forte ainda, o nosso Brasil é uma mistura de povos. Tem a comunidade quilombola, a comunidade portuguesa, a comunidade italiana.

Eu fico muito feliz de dar essa contribuição para a comunidade, como quilombola, e no esporte, eu sou uma pessoa com deficiência e espero fazer a diferença. Desde outubro de 2018, quando eu conheci o Rafael Gabarão, lá de Araguaína, técnico, antes eu tinha vergonha da minha deficiência e um dia eu orei para Deus, Deus me manda um caminho, me manda um projeto, o que é que eu tenho que fazer, aí ele me mandou o esporte paraolímpico. Me ajudou a me aceitar, por que as vezes a gente deixa se abater, para de pensar na gente para pensar no que as pessoas falam.

Eu conheci o esporte através do professor Rafael Gabarão, eu pulando num pula-pula lá na igreja ele me apresentou o esporte paraolímpico. Eu comecei o esporte paraolímpico em novembro de 2018, em janeiro de 2019 eu participei dos jogos paraolímpicos de Palmas, que foi minha primeira competição, em fevereiro participei do circuito brasileiro, fiquei em quarto lugar, em Uberlândia, Minas Gerais, participei do PARAJETS em Araguaína, fui representar o Costa e Silva, depois Palmas, e participei também da corrida e caminhada em São Geraldo, das lojas Nosso Lar e fomos para a competição do PARASESQ.

Temos também o instituto IEP, que é o nosso representante do esporte paraolímpico no Tocantins, não somos uma organização governamental, dependemos de nós mesmos e de pessoas que nos ajudam, o que fica difícil porque não temos muito apoio das autoridades. Nós sabemos que a pessoa com deficiência é discriminada, ainda mais praticando esporte, eu já fui chamado de doido, subindo essas ladeiras aí, antes eu ligava, agora não ligo mais. Em outubro vou para mais uma competição, uma seletiva, temos 4 circuitos, Norte, Oeste e Sudeste, os melhores colocados vão disputar o brasileiro.

Dependendo do seu desempenho você já entra automaticamente representando a seleção brasileira paraolímpica. Estou treinando, me esforçando, me dedicando a cada dia para representar o Tocantins e Muricilândia. Eu sou um atleta paraolímpico, quilombola, negro e estamos aí nessa luta."

DANIEL PEREIRA DOS SANTOS



"Aí Deus deu esse lote aqui, e nós planta mandioca e vem sempre fazendo farinha, faz farinha para o ano todo, não vende, só para comer. Hoje eu vivo de comprar e revender latinha, ferro velho, alumínio, bateria, motor de geladeira, litro, compra tudo. Sempre os caras lá de fora fornece o dinheiro para comprar para eles, tem vez que baixa, a gente não ganha quase nada, aí o jeito é ficar aguentando, vai levando devagarzinho."



ALCIDES RIBEIRO DA SILVA

"Temos muitos alunos quilombolas na APAE, a sociedade vê essas pessoas como incapazes, na verdade eles não são, eles são pessoas capazes, cada uma com suas limitações, cada um com sua capacidade, conforme o seu problema, a sua deficiência. Se a sociedade der o direito para eles, que eles merecem, porque eles tem os seus direitos, eles são capazes de desenvolver coisas que as pessoas normais as vezes não desenvolvem. Nós temos alunos muito inteligentes, o Daniel, a Rosicleia, são pessoas que você vê que tem uma capacidade imensa, de desenvolver trabalhos na sociedade. Estou na APAE desde 2019, antes trabalhava como professora.

O preconceito existe, ele não acaba, falta muita coisa para a raça negra, respeito, consideração, o negro não é visto socialmente como os outros, a educação não enfrenta o racismo."

MARIA DO AMPARO SILVA



"Tudo começou com meu pai e meu avô que chegaram para cá na era de 54, eu sou de 75, meus pais não tinham ambição, as terras eram de Deus, eles vieram de Juazeiro, do Piauí, do Maranhão, vinham caçando o cinturão verde, que era água. Vieram até o Pé do Morro, do Morro viram água aqui, lá era mais pouco de água.

A velha Antônia que descobriu o Morro foi quem criou a minha mãe, que casou com meu pai dia 8 de janeiro de 1958, ela faleceu agora dia 16 de janeiro de 2021. Quando chegaram aqui não tinha nada, morreu muita gente de sarampo, dessas doenças que antigamente não tinha cura, cada um fazia uma roça, num lugar depois no outro, aí veio o pessoal grande de Goiás e usou o serviço deles para tomar a própria terra deles.

Depois chegou a emancipação daqui, seu João Paulino era um líder político daqui, lá no início ele, Dona Luíza do padrinho Dos Santos e dona Leó lutaram muito para emancipar Muricilândia como município, meu pai foi um dos primeiros vereadores daqui de Muricilândia. E a gente como filho de Muricilândia, participei do grupo de direitos humanos, tivemos um grupo de jovens ativo que fazia teatro, fizemos até um filme Django Kid. Minha profissão é fotógrafo, já fui candidato a vereador, fiquei como suplente, atualmente sou vice-prefeito. Como filho de Muricilândia a gente quer o desenvolvimento, quer que a cidade cresça."



**JOÃO FILHO PEREIRA DOS SANTOS,
ATUAL VICE PREFEITO DE MURICILÂNDIA**



coeqto

Coordenação Estadual das Comunidades
Quilombolas do Tocantins

ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA
AGRICULTURA NO TOCANTINS

